



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**  
**MESTRADO EM SOCIOLOGIA**  
**TURMA 2012**

**“CRIANÇA ADVENTISTA”:**  
**Um estudo sobre a evangelização infantil.**

**PRISCILA RIBEIRO JERONIMO DINIZ**

**João Pessoa-PB**

**2014**

PRISCILA RIBEIRO JERONIMO DINIZ

“CRIANÇA ADVENTISTA”:

Um estudo sobre a evangelização infantil.

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Dra. Flávia Ferreira Pires

João Pessoa-PB

2014

PRISCILA RIBEIRO JERONIMO DINIZ

“CRIANÇA ADVENTISTA”:

Um estudo sobre a evangelização infantil.

Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

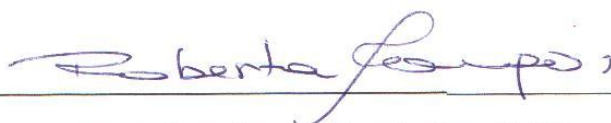
Orientadora: Dra. Flávia Pires

APROVADA EM 20 DE 02 2014.

BANCA EXAMINADORA:



Dra. Flávia Ferreira Pires (Orientadora-UFPB)



Dra. Roberta Campos (Examinadora- UFPE)



Dr. Antonio Giovanni Gonçalves (Examinador- UFPB)

JOÃO PESSOA (PB)

2014

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse texto com todo meu carinho aqueles que sempre acreditaram em mim, e embarcaram nesse sonho junto comigo, deixando tudo para trás e mudando de cidade e de vida: Everton e André Luiz. Meus companheiros, amigos e amores!

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma dádiva, pois depois de dois anos recebendo incentivo a continuar nessa caminhada tão árdua de mudar de cidade com minha família, consegui não só construir uma dissertação de Mestrado, mas consegui construir um amadurecimento profissional sem comparação, que só a pesquisa me proporcionou. Por isso, agradecer a todos que passaram por essa minha caminhada é pouco, hoje tenho um eterno sentimento de gratidão a todos que me ajudaram direta e indiretamente.

Agradeço a divindade por me fazer existir e realizar meu sonho de me tornar Mestre em Sociologia.

Agradeço aos meus pais que não mediram esforços e me deram uma boa educação, como também um bom exemplo de que ser professor como uma figura que ultrapassa a imagem física de uma sala de aula, ser professor é se dedicar de corpo e alma e transferir um pouco de você para os outros, grata aos meus primeiros professores Anselmo e Evaneide.

Agradeço a minha orientadora Flávia Pires por ter me ensinado a desvendar o caminho da Sociologia da Infância, fazendo-me apaixonar pelo tema criança e religião, obrigada por todos os momentos inconvenientes que pedi sua ajuda e você se fez presente, por todas as palavras de incentivo e carinho.

Grata aos meus professores do PPGS que transferiram o conhecimento não só em Sociologia, mas o conhecimento de vida, em especial a Adriano de León e Tereza Cristina. Professores estes que fizeram parte da minha defesa de qualificação e contribuíram bastante para que o texto se concretizasse.

Grata aos meus colegas de turma que fizeram parte da turma 2012. Em especial Jéssica, Janilma e Wilka.

Grata a minha banca de defesa de mestrado Roberta Campos e Giovanni Gonçalves, pela disponibilidade.

Grata ao Grupo de Pesquisa Crias (Crianças, Cultura e Sociedade), principalmente na figura de Antonio que me ajudou bastante na leitura dos textos, e a minha amiga Patrícia por todas as conversas enriquecedoras.

Agradeço Altamara minha amiga que leu diversas vezes minha dissertação, com todo seu carinho e atenção, compartilhando momentos desafiadores.

Agradeço a Igreja Adventista do Sétimo Dia de João Pessoa, bairro Bancários, por abrir as portas para mim e para minha pesquisa. De forma carinhosa agradeço minhas pequenas crianças que me fizeram rir e chorar de emoção com abraços apertados na minha despedida. A minha amiga Marina que abriu as portas para a entrada da minha pesquisa na igreja.

## RESUMO

Essa dissertação tem a proposta de pensar crianças e religião, onde parti da ideia de pastores mirins, e chegando a observação da evangelização infantil na igreja Adventista. Início com uma apresentação, como vou falar sobre crianças, retorno a lembranças da minha infância. Faço uma introdução geral, informando o que vai ser apresentado em cada capítulo, passando pela escolha do nome da dissertação, a religião na cidade de João Pessoa. Dividi em quatro capítulos esse trabalho. Detalho assim no primeiro capítulo a metodologia usada e o papel do pesquisador para a Sociologia, informando o que deu certo, e o que não deu, e mostrando breves notas de campo. Depois sigo para o segundo capítulo que se constitui como um capítulo teórico sobre a criança e a infância, averiguando teorias sobre esse ator social, a criança; observando o conceito de agência, e da união dos conceitos criança e religião; continuo e mostro a socialização através do que observei na igreja, unindo com teorias que ajudam a interpretar as ações das crianças e adultos da igreja Adventista, pois o conceito de socialização que ajuda a pensar sobre o conceito de agência infantil. Assim também trago questões como o corpo que se socializa na educação religiosa. No terceiro e último capítulo trago observações, descrição, análise e interpretação do campo estudado, na Escola Sabatina, no grupo dos Primários da igreja Adventista, um capítulo, que consegui observar e ver as contribuições da evangelização infantil para a socialização, através das aulas que assisti, dos desenhos que tive com as crianças, e das conversas com elas, e com os professores. Prossigo observando atividades e dados do grupo estudado, com desenhos. Concluo recapitulando ideias e conceitos importantes finalizando o texto.

**Palavras- chave:** Crianças; Evangelização infantil; Socialização; Adventistas.

## ABSTRACT

This dissertation is the proposal of thinking children and religion, where I started the idea of junior pastors, and reaching observation of children in Adventist church evangelism. Start with a presentation, as I will talk about children, back to memories of my childhood. Do a general introduction, stating what will be presented in each chapter, from the choice of the name of the dissertation, the religion in the city of João Pessoa. Divided into four chapters that work. So I detail in the first chapter the methodology used and the role of the researcher to Sociology, stating what worked, and what did not, and showing brief field notes. Then follow the second chapter to bring observations, description, analysis and interpretation of the field studied in Sabbath School, the group of Primary Adventist church, a chapter, I could watch and see the contributions of evangelization for socializing children through school I attended the drawings I had with the children, and talks with them, and with teachers. I continue watching activities and data of the study group, with drawings. The third chapter is constituted as a theoretical chapter on children and childhood by examining theories about this social actor, the child, observing the concept of agency, and the union of religion and child concepts. The fourth chapter conclude the idea of evangelization and show socialization through which noted the church, uniting with theories that help to interpret the actions of children and adults Adventist church, because the concept of socialization helps to think about the concept of agency child. So also bring issues like body that socializes in religious education. I conclude by summarizing important ideas and concepts finalizing the text.

**Keywords:** Children; Evangelization child; Socialization; Adventists.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1-Gráfico das religiões em João Pessoa.....	p. 21
Imagem 2- Quadrode classes e idades das crianças e adolescentes Adventistas.....	p.74
Imagem 3- Foto da sala dos Primários.....	p. 75
“Trocando Totens por Bíblias”	
Imagem 4-Desenho de João.....	p. 80
“Jesus volta”	
Imagem 5- Desenho de Sara.....	p. 80
“A volta de Jesus”	
Imagem 6- Desenho de Alice.....	p. 81
“Jesus voltará”	
Imagem 7-Foto na Sala dos Primários.....	p. 83
“Do que as crianças tem medo”	
Imagem 8-Foto da Sala dos Primários.....	p. 83
“Desenho de Alice: menina morta-viva”	
Imagem 9-Foto na sala do Jardim.....	p. 86
“Desenho de Lia”	
Imagem 10- Foto na sala dos Primários.....	p. 87
“Desenho de João: Eu gosto da igreja”.	
Imagem 11-Ilustração.....	p. 94
“Socialização = Evangelização”	

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADRA- Agência Adventista do Desenvolvimento e Recursos Assistenciais.

CE- Ceará.

CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Crias- Criança, cultura e sociedade.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IASD- Igreja Adventista do Sétimo Dia.

IEQ- Igreja do Evangelho Quadrangular.

MN- Ministério Nordeste.

PE- Pernambuco.

PB- Paraíba.

RMC- Região Metropolitana do Cariri.

UFPB- Universidade Federal da Paraíba.

## SUMÁRIO

**CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS.....p. 15**

### **CAPÍTULO I: A BUSCA PELO QUE VAI DAR CERTO.**

**COMO CHEGUEI À PESQUISA.....p. 24**

1.1. “Não há religiões falsas. Todas são verdadeiras ao seu modo.”.....p. 25  
Pesquisando religião

1.2. “O que é um adulto? Uma criança de idade” .....p. 28  
Pesquisando crianças.

1.3. Metodologias que me ajudaram a compor o trabalho.....p.37

### **CAPÍTULO II: DIALOGANDO COM TEORIAS, TECENDO SABERES SOBRE A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.....p.39**

2.1. Qual a contribuição da teoria da Estruturação para a Sociologia da Infância? Dialogando com Giddens sobre o conceito de agência.....p.39

2.2. Sociologia da Infância e Antropologia da Criança.....p.42

2.3. Agência Infantil.....p.46

2.4. Criança e Religião.....p. 48

2.5. Socialização através da imitação.....p.54

2.6. Durkheim e Simmel um debate sobre socialização.....p. 54

2.7. Mauss a questão do corpo na inserção da socialização.....p.57

<b>CAPÍTULO III:EVANGELIZAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>p. 64</b>
3.1. Igreja Adventista sua história e sua formação no bairro estudado.....	p.65
3.2. Escola Sabatina e os Primários.....	p. 70
3.3. Lições.....	p. 77
3.4. Desenhos e recortes.....	p. 86
3.5. As músicas um toque a mais para a evangelização.....	p. 88
3.6. As crianças e a comunidade Adventista.....	p.89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>p. 92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>p. 97</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>p. 102</b>
Anexo 1.....	p. 102
Anexo 2.....	p. 104

## CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Apresento esse trabalho através de um diálogo que me fez mergulhar em um oceano que habitou e habita em mim, um mergulho do qual a memória da infância me fez chegar até aqui.

Para tanto, inicio com um trecho do filme “As aventuras de Pi”: Um diálogo entre a família de Pi, que é formada por um pai ateu e uma mãe hindu, e dois filhos, um deles é, o personagem principal, Pi, que se dizia hindu, muçumano e cristão.

No filme, aos 21 minutos e 57 segundos, o menino decide ser batizado na igreja Católica. Pi vive um conflito entre seu pai e suas teorias racionais, e sua mãe protegendo-o e, gostando das filiações do filho.

Abaixo apresento trechos das memórias da sua infância, em um diálogo com o escritor da sua história.

***Filme “As aventuras de Pi” aos 21 minutos e 57 segundos.***

*Escritor: Você é um cristão muçumano?*

*Pi: E hindu, é claro.*

*Escritor: E judeu imagino...*

*Pi: Eu ensino Kabala na Universidade. E por que não? A fé é uma casa de muitos quartos.*

*Escritor: Sem quartos para a dúvida?*

*Pi: Vários, em cada andar. A dúvida é útil. Mantém a fé viva. Ninguém conhece a força da sua fé até ela ser testada.*

Porque começar com esse enredo e esse diálogo? Simples, porque dele abre-se um leque de questões e dúvidas para iniciar uma pesquisa com crianças religiosas, e assim, o meu olhar como pesquisadora até chegar nesse estudo.

Primeiro, em relação à passagem do filme que mostra a infância de Pi, mesmo não se fixando a nenhuma religião, ele observou a experiência da mãe, e observou também, outras experiências. Ele pôde circular em busca de outras religiões, mas o personagem do filme acreditava enquanto criança, que poderia escolher, mostrando que ele tinha certa interpretação em pensar sobre a religião, e por isso ele se colocava.

Assim sendo, apresento de início como as crianças tem esse poder da fala, mesmo que as crianças que observei não tenham essa circulação nas religiões. Na minha experiência infantil eu tive a experiência do filme, mas as crianças evangélicas do meu estudo, não. Elas têm o poder de sua agência, no qual modificam o meio social e religioso do qual estão inseridas. Tal conceito será mais bem estruturado nas próximas linhas.

Quero trazer apenas uma questão para esse início, segundo o diálogo acima: “A fé é uma casa de muitos quartos.” No caso das crianças adventistas, a fé não teria tantos quartos, pelo contrário, está muito direcionada por sua família. A criança na maioria das vezes se converte a fé da sua mãe, do seu pai, diferentemente do que aconteceu na minha infância.

Na minha experiência em chegar ao meu trabalho com crianças e religião, comecei a pensar sobre isso, voltando a minha infância através da face da religião, e a partir do filme. Pensei nas multiformas de religião apresentadas na infância de Pi, ele pôde adentrar em várias crenças, assim recorro da minha infância.

Meus pais nunca me prenderam a nenhuma religião, minha mãe é católica-apostólica-romana e catequista me orientando a seguir essa religião; meu pai é um espírita palestrante, que também me orientou como a religião espírita funcionava. Frequentei com dez anos o catecismo da igreja Católica, e fiz a primeira comunhão, a crisma tentei, mas não concluí. O centro espírita às vezes eu frequentava, gostava das palavras e canções, me sentia bem, confesso até que pensei muitas vezes em me tornar frequentadora, porém sempre tive medo de mortos, fato este que não me deixou ser uma praticante.

Com treze anos vivi uma experiência que não digo religiosa, mas filosófica, com aproximação cristã: a maçonaria, ingressei na Ordem Internacional das Filhas de Jó, e então me aproximei de passagens bíblicas, e pratiquei ensinamentos da Ordem, como: fazer filantropia com idosos e criança, entre outras ações. Foi um período diferente, no entanto, me afastei.

Com isso, as religiões (Católica e Espírita) me foram apresentadas e me sentia bem, mas sempre existiu algo que me faltava, que nunca me fez assumir nenhuma das duas, fui uma criança que não me tornei uma religiosa, porém a religião sempre me fascinou. Desde os estudos do meu pai que me influenciou em gostar de estudar religião, principalmente com seu ingresso no Mestrado em Ciências das Religiões.

Ao entrar no curso de Ciências Sociais (2008), na disciplina de Sociologia da Religião (2010) o fascínio me tomou espaço, sobretudo na citação durkheimiana: “Não há religiões falsas. Todas são verdadeiras ao seu modo.” Parecia preencher um vazio que havia como pessoa não praticante. Ao mesmo tempo, mergulhei na teoria da religião, foi então que como bolsista de Iniciação Científica<sup>1</sup> pude pesquisar um universo sempre repudiado pelas pessoas da minha cidade que era a religião evangélica, em Juazeiro do Norte, lugar extremamente católico, devido à figura do Padre Cícero, santo popular.

O universo evangélico me deu espaço para estudar religião, para mim então, só faltava essa peça para iniciar a busca que não conseguia encontrar na minha infância. Pois bem, foi desses estudos que a infância me veio de um jeito diferente.

É dessa forma que reconfiguro o que não vivi na infância, aprendendo como elas, as crianças da minha pesquisa, como se tornaram evangélicas. Ou seja, de uma criança não religiosa que fui, passei a ser uma pesquisadora que estuda crianças religiosas, e a partir da evangelização destas, vejo os passos que elas tomam como rumo na vida religiosa para um dia se tornarem pastoras.

Dessa maneira, mostro através dessa apresentação os motivos que me fizeram gostar de estudar religião, e como foi sendo construído meu olhar sobre religião através do ponto de vista das crianças; aponto uma espécie de memória da minha infância em comparação às crianças estudadas. Portanto, abordo esse retorno ao meu trânsito religioso, não como uma forma de justificativa que não sou religiosa, e sim, como uma forma de comparar as religiosidades; a religiosidade da pesquisadora (retornando as memórias da infância) e a religiosidade das crianças adventistas.

- **Tecendo conceitos**

O objetivo desta dissertação é analisar a evangelização infantil e os pastores mirins da Igreja Adventista do Sétimo dia, do bairro dos Bancários em João Pessoa, PB.

O trabalho de campo ocorreu entre agosto de dois mil e doze até abril de dois mil e treze. Pretendo ter como base da pesquisa, a construção da socialização das

---

<sup>1</sup> Iniciação Científica da pesquisa “A fé que se move: o avanço pentecostal em Juazeiro do Norte”. Com a coordenação da Professora Dra. Renata Marinho Paz.

pessoas na sua igreja. O termo socialização que vai ser usado nesse trabalho segue a perspectiva de Nunes:

O termo ‘socialização’ ficou marcado pela ideia, professada por muitos antropólogos, de que as sociedades são corpos estáveis e imutáveis que formam os indivíduos, moldando-os à sua imagem (...). Vê-se que essa concepção só pode funcionar quando se concebe as sociedades como imutáveis, constantemente reproduzindo a si mesmas. (...) A socialização não deve ser vista como um processo que tenha um fim já estabelecido e conhecido. Assim, ao lado da retomada da história pela antropologia, pensa-se aqui em uma ‘micro-história’, em que o entendimento sobre o mundo social é construído por um indivíduo ao longo da vida. (Nunes, 2002, p.214 e 228)

É nesse seguimento de que a socialização não é estável, mas que muda, e essas mudanças fazem com que todos os pares se socializem, e que o indivíduo não se socialize apenas na infância, mas em todo o processo de vida.

Por isso, esse texto também ajuda a pensar as crianças através da Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança, observando a agência infantil, contemplada na igreja em questão. Para construir esse conceito de agência, compactuo com a afirmação de Allison James:

Desde a emergência do novo paradigma dos estudos da criança (Prout and James 1990), não podemos mais considerar a passividade na prática da criação dos filhos, acreditando no simples determinismo biológico. Em vez, o reconhecimento deve ser feito da diversidade das crianças na infância e da criança na própria formação de experiências da infância delas como **agente social**. (...) A criança não é simples objeto passivo, da produção do biológico universal e processo social, **mas são participantes ativos**, e eles são do mundo social assim como os adultos. (JAMES & JAMES, 2004, p.23 e 25, tradução e grifos meus).

Assim como também afirma Cohn:

Ao invés de receptáculos de papéis e funções, os indivíduos passam a ser vistos como atores sociais. Se antes eles eram atores no sentido de atuar em um papel, agora eles o são no sentido de atuar na sociedade recriando-a todo o momento. (...) **A criança como ator social**, a criança como produtor de cultura, e a definição da condição social da criança. (...) Reconhecê-lo é assumir que ela não é um ‘adulto em miniatura’, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações (Cohn, 2005, p.20, 21 e 28, grifos meus).



Observo o movimento da socialização das crianças, justificando o porquê do título e subtítulo: “Crianças Adventistas: um estudo sobre a evangelização infantil”, pois socialização das crianças é através da evangelização, passam por processos de aprendizagem da doutrina da igreja, reproduzem a teologia Adventista, mas também, interpretam com novas interrogações os estudos apresentados nas aulas, chegando ao movimento da evangelização infantil.

Entendo por evangelização, como Costa anuncia:

Apresenta-se uma ampla concepção da evangelização, que não se reduz à pregação da mensagem aos que não têm fé, mas que se estende a toda a atividade mediante a qual é proclamado e explicado o evangelho para a conversão dos não cristãos e para alimentar a fé dos cristãos. (COSTA, 2012, p.288)

A evangelização como movimento de trazer o evangelho nas escrituras bíblicas para os não cristãos, e para fortalecer a crença nos ensinamentos para os cristãos. O que o campo religioso estudado mostrou foi um estudo sobre a evangelização infantil e a socialização, formando assim, através de novas percepções, possíveis pregadores mirins.

A pesquisa foi realizada na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Segundo o Censo 2010<sup>2</sup>, a cidade possui 723.515 habitantes, em uma área de 211km quadrados. Para tanto, observei uma religião específica da cidade, nesse ínterim abro um espaço para pensar as religiões no Brasil e em João Pessoa.

Observando um contexto religioso do Brasil podemos ver que este país é um caldeirão de misturas religiosas, onde há uma predominância católica, tal como na cidade em questão. Alguns estudos que estão sendo realizados no país apontam para um declínio desta supremacia. Para observar um panorama mais amplo sobre o quadro religioso brasileiro, tratarei disto a partir do relatório da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2009), que indicam para o declínio da hegemonia católica e para a expansão evangélica.

Os dados dos Censos das últimas quatro décadas revelam que o crescimento evangélico não é recente. O número de católicos diminuiu consideravelmente, principalmente na última década; o número de evangélicos cresceu, e os sem religião também cresceram, reformulando o quadro das religiões no Brasil. (Censo 2000).

---

<sup>2</sup> <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250750>

Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, o número de católicos no Brasil continua diminuindo e o número de evangélicos aumentando, como informava o Censo 2000, onde antes 73,7% eram católicos, e 16,2% evangélicos. Em 2009, os dados da CPS/FGV, mostram o contínuo decréscimo de católicos. Analisei os dados da década de setenta até o ano de 2009, e pude perceber que em 1970 o número de católicos era de 91,77% e os evangélicos com 5,2%. Em 2009 o número de católicos diminuiu para 68,43%. Já os evangélicos tiveram um acelerado crescimento, com 20,23% de fiéis.

Segundo o Censo 2010<sup>3</sup>, em 30 anos, o percentual de evangélicos passa de 6,6% para 22,2%. Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%.

Já os católicos passaram de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010. Embora o perfil religioso da população brasileira mantenha, em 2010, a histórica maioria católica, vem perdendo adeptos desde o primeiro Censo, realizado em 1872. Até 1970, a proporção de católicos variou 7,9 pontos percentuais, reduzindo de 99,7%, em 1872, para 91,8%.

O que isto denota é que a religião dos brasileiros não pode ser mais considerada com base na exclusividade do catolicismo. Conforme Sanchis:

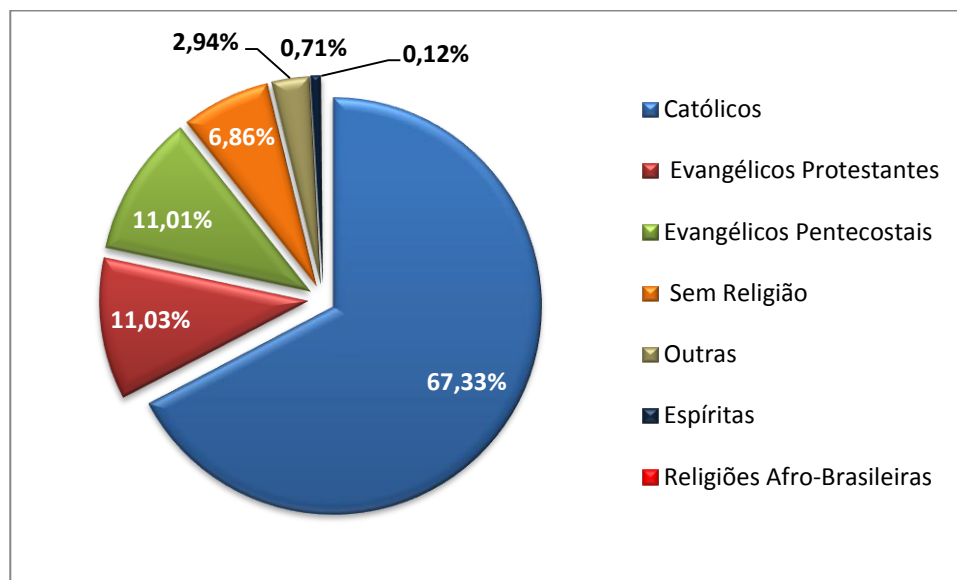
Há duas ou três gerações, falar em “religião dos brasileiros” seria apontar quase que exclusivamente para o catolicismo. Isso mudou. Hoje o catolicismo constitui cada vez mais uma das religiões, entre outras, dos brasileiros, e num movimento diversificador que se acelera. Não se trata só de números (...), mas de algo qualitativo, de um problema identitário. (SANCHIS, 2001, p. 10)

Em relação às religiões da capital, é possível observar que, segundo o Novo Mapa das Religiões, CPS/ FGV 2009, 67,33% da população pessoense se identifica como Católica, 11,01% são Evangélicos Pentecostais, 11,03% são outros evangélicos, os Protestantes Históricos. Espíritas são 0,71%; Sem Religião são 6,86%. Religiões Afro-Brasileiras são 0,12%, e Outras são 2,94%. Mostrando assim, como as religiões

---

<sup>3</sup><http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>

crists (católicos, evangélicos e espíritas) predominam com um total de 90,08% da população pessoense.



**Imagem 1-Gráfico das religiões em João Pessoa**

Introduzo um pouco sobre a questão religiosa do Brasil e da cidade em questão, Juazeiro do Norte, para inserir a igreja estudada no decorrer desta pesquisa. No caso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, segundo o Censo 2010 o total de brasileiros adventistas era de 1.561.071 habitantes, um artigo publicado no site Top 10+<sup>4</sup>, diz que há 704.376 homens e 856.695 mulheres. O próprio site da igreja fala sobre esse crescimento<sup>5</sup>. Segundo o site, a igreja ocupa o sexto lugar, mas segundo os dados da FGV (2009), a representatividade da igreja, fica em décimo lugar.

Trago essa questão para mostrar que essa denominação, também é composta por crianças que serão o “futuro da igreja” e que terão a missão de continuar aumentando o número de praticantes adventistas.

Esse trabalho é pensado a partir da evangelização que essa denominação evangélica passa para as crianças; neste contexto as crianças são os atores sociais desse texto. Sendo observado, portanto, que o foco da pesquisa são as crianças, e as particularidades dessa igreja é vista através da tradução e interpretação destas crianças.

<sup>4</sup> <http://top10mais.org/top-10-maiores-denominacoes-evangelicas-do-brasil-censo-2010/>

<sup>5</sup> <http://www.portaladventista.org/portal/asn---portugu/7090-censo-demografico-aponta-crescimento-da-diversidade-religiosa-no-brasil>

Para apresentar as considerações de minhas análises sobre criança e religião, estruturei este trabalho em três capítulos:

No primeiro capítulo “A BUSCA PELO QUE VAI DAR CERTO. COMO CHEGUEI À PESQUISA”. Mostro como cheguei à pesquisa, através de um relato sobre minha vida acadêmica; passando pela minha trajetória no campo da religião, embasado teoricamente com contribuições de Pires (2011) e Ferreira (2009).

Introduzi, também, como cheguei à pesquisa sobre infância, na busca de crianças que pregassem. Através de textos, sites; uma busca que se iniciou em agosto de dois mil e doze.

Porém, cheguei a um contexto da evangelização e socialização infantil, através da observação em lócus na igreja Adventista em João Pessoa, no bairro dos Bancários. Realizando uma observação participante de três meses na igreja, nos dias de sábado com a Escola Sabatina, escola esta que funciona mundialmente no mesmo horário. Assisti à aula na sala dos Primários, com crianças de sete a dez anos.

Para essa sessão compartilhei das experiências de Pires (2011), Lewis (2006), Cohn (2005), Nunes (2007), Campos (2009), Santos (2011), Silva (2013), Falcão (2010). Com esses diálogos construí uma base metodológica, para seguir os percursos do meu campo de pesquisa.

Assim usei como método de pesquisa a etnografia tal como Pires (2011), Silva (2013), Santos (2011). Atividades com desenhos como Santos (2011), Pires (2011) e Cohn (2005); e recortes como Cohn (2005). Tive igualmente a oportunidade de conversar com as crianças; fazer uma entrevista com uma fiel da igreja, e uma entrevista com a professora do grupo estudado os Primários. Bem como analisar as lições dos livros da igreja das crianças e dos professores.

No capítulo II “DIALOGANDO COM TEORIAS, TECENDO SABERES SOBRE A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.”, proponho escrever uma sessão teórica, fazendo um diálogo sobre o conceito de agência, como sinônimo de poder, usada por Giddens (1989), na sua teoria da Estruturação.

Desenvolvo ainda nesse capítulo pensamentos sobre a Sociologia da Infância e da Criança com Ariès (1981), James e Prout (2005), Belloni (2009), Souza (2005), Sarmiento (2008).

Articulo também sobre a teoria da agência infantil com Pires (2008), Nunes e Carvalho (2007) e Cohn (2007), Hirschefeld (2002). Faço observações sobre crianças e religião, introduzindo a bagagem de Pires (1995, 2010, 2011), Falcão (2010), Fassoni

(2010) e Campigotto (2012). Com isso, desenvolvo pensamentos que compartilho, e construo assim a base teórica desse texto.

Nesse capítulo abro um espaço para chegar a ideia de socialização, onde concluo que, na minha pesquisa, socialização é equivalente a evangelização. Para pensar esses termos inicio um debate com Durkheim (1955), Simmel, com os textos de Filho (1983), Nunes (2002) e James e Prout (2005).

Para ajudar nesse tema partilho da ideia de Mauss (2008) com a questão do corpo na inserção dos papéis, vendo como este corpo, seja ele, de adulto ou de criança passa por uma socialização. Refletindo na ideia que as crianças imitam os adultos, trago a discussão de Fernandes (2004) e a questão da reprodução interpretativa de Corsaro (2005); mostro Gabriel Tarde, com sua contribuição sobre imitação, através das interpretações que Ribeiro (2000) obteve sobre essa questão.

A igreja faz parte da construção social e religiosa das famílias, tal como pensaram Pires (2010), Belloni (2009), Cohn (2005) e Gomes (2005). Fechando e intercalando assim, com a ideia de socialização e evangelização, considerando também os possíveis atos que uma criança adquire para pregar.

No capítulo III “A EVANGELIZAÇÃO INFANTIL”. Faço uma exposição para explicar sobre a Igreja Adventista com sua formação histórica, e sua estruturação no bairro dos Bancários. É neste capítulo que inicio uma etnografia do estudo com crianças, descrevendo e analisando a Escola Sabatina, que é a educação passada pela Igreja Adventista, com especificidades do grupo dos Primários, composto pelo grupo dos Primários, com crianças entre sete a dez anos.

Trago notas de campo, observações, desenhos das crianças, fotografias de particularidades da evangelização dessas crianças. Mostro outras formas de socialização como: o Clube de Aventureiros, as músicas, sintonizando as canções aos ensinamentos adventistas. Segui assim, analisando os desenhos e recortes das crianças.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS faço uma recapitulação dos conceitos e aspectos mais importantes da pesquisa. Mostrando que o texto pensado nessa dissertação levou em conta a construção de uma pesquisadora e de uma pesquisa sobre Sociologia da Infância e Antropologia da Criança, que entre conflitos e interpretações que tem como desfecho pensar a agência infantil durante a evangelização.

## **CAPÍTULO I: A BUSCA PELO QUE VAI DAR CERTO. COMO CHEGUEI À PESQUISA.**

### **O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS**

Uso as palavras para compor meus silêncios.  
 Não gosto das palavras  
 fatigadas de informar.  
 Dou mais respeito  
 às que vivem de barriga no chão  
 tipo água pedra sapo.  
 Entendo bem o sotaque das águas.  
 [...]

Queria que a minha voz tivesse formato de canto.  
 Porque eu não sou da informática:  
 eu sou da invencionática.  
 Só uso a palavra para compor meus silêncios.  
 (Barros, 2003, p.IX)

Para iniciar esse capítulo, trago o poema de Manoel de Barros “O apanhador de desperdício”, no intuito de mostrar que esse capítulo se faz através dos meus passos como pesquisadora. Acredito que esse poema retrata o ofício de um pesquisador, que busca observar nas entrelinhas os fatos sociais.

São nessas linhas não vistas de forma óbvia, que se constitui um trabalho árduo, é desse trabalho de criação e recriação que o sociólogo inventa, mostra, constrói caminhos, e são das “desimportâncias” que muito pode ser explicado. É através das teorias, que pretendo mostrar que estudos sobre crianças e sobre religião podem ser realizados e serem reveladores.

O pesquisador não procura só informar, ele tem o trabalho de mostrar para ser criticado, e é no silêncio observado que também se é observado o pesquisador que está na sua pesquisa, assim como os seus sujeitos, ele é interrogado, colocado em “xeque”.

É pedido a sua opinião nos momentos necessários, é o aluno, e o professor ao mesmo tempo, o pesquisador na investigação, tornando-se mais uma pessoa que entra

no mundo social procurado por ele mesmo, surge, portanto, dentro da pesquisa uma nova categoria, o pesquisador.

Afirmo essa questão porque nas duas pesquisas que realizei sobre religião e sobre crianças, me tornei parte do meio social daquelas pessoas, elas me categorizaram. Fazer parte da vida delas altera a rotina das pessoas envolvidas.

Já disse Pires (2011, p.144) que “com o tempo vocês verão que o antropólogo é, na verdade, um sujeito que vive a sua profissão, - ele deixa de ir a campo, ele vive em campo”. Passei a mudar o curso da vida das pessoas, devido a minha existência no campo, eu vivo no campo, saí, mas deixei minha “marca” nele.

Penso também que é do silêncio da escrita, onde Reinhardt e Perez em “Da Lição de Escritura” problematizaram essa questão: “a lição da escritura não envolve mais a experiência vivida pelo antropólogo e pelo chefe indígena, mas a rememoração solitária do intelectual, observada pela ausência presente de seu leitor, o novo aluno dessa nova lição. Passa-se ao nível teórico, metadiscursivo, onde o incidente terá seu caráter extraordinário domesticado e rotinizado por uma ‘lição da lição’”. (2004, p.09).

Por isso que, o silêncio da escrita transforma a “revolução” do intelecto. A escrita do pesquisador precisa ser vista, ser lida, ser interpretada, ganhar espaço, forma, cor, ganhar evolução e se transformar em revolução. Assim, é através desse poema, que busco mostrar a minha entrada na pesquisa, e na vida acadêmica.

Este capítulo chamo de: “A busca pelo que vai dar certo”, devido a todas as expectativas que criei para estudar crianças e religião. Apresento nele, como o tema de religião me foi tomando espaço, como iniciei a pesquisa em Ciências Sociais.

Também apresento como estruturei a pesquisa sobre crianças, e a busca de uma criança que pregasse. Confesso que seria o capítulo que mostro como tudo que deu errado. Contudo, a procura da pesquisa através de observações de igrejas e crianças me mostrou como foi tecida a ideia de evangelização infantil e socialização, sendo, portanto, os conceitos chaves da minha pesquisa.

### **1.1. “Não há religiões falsas. Todas são verdadeiras ao seu modo.”<sup>6</sup>. Pesquisando religião**

---

<sup>6</sup> Expressão usada por Émile Durkheim em “As formas elementares da vida religiosa”. (1996)

A religião encontra-se na minha vida de uma forma diferente, recapitulo aqui, algumas ideias que apresentei nas considerações introdutórias, para pensar o conceito de religião.

Nasci em uma cidade muito católica que é Juazeiro do Norte, do Padre Cícero, a terra das romarias ao “Padrinho”, que se encontra no Sul do Estado do Ceará (CE), na Região Metropolitana do Cariri (RMC), distante cerca de 560 km de Fortaleza, capital do Estado.

Na minha cidade é quase uma obrigação se tornar católico, no entanto, jamais tornei, mas passei por várias experiências, contudo, praticante de fato nunca fui.

Porém a vontade de pesquisar religião veio com o meu ingresso ao curso de Ciências Sociais em 2008, e também, com o exemplo do meu pai que fez mestrado em Ciências das Religiões. Quando aluna do curso de graduação, participei da Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), onde fui bolsista por dois anos da pesquisa: “A fê que se move: o avanço pentecostal em Juazeiro do Norte”<sup>7</sup>. Tive o desafio de mapear, ou melhor, de lapidar um campo pouco estudado na cidade; visitei quase todas as igrejas pentecostais existentes ali, totalizando cerca de setenta e cinco igrejas pentecostais e neopentecostais.

Fui de igreja em igreja, num estudo exploratório, pesquisar o endereço das igrejas, os horários de cultos, assistindo à cultos, batizados, todos os tipos de cerimônias como: culto de família, culto das mulheres, culto das crianças.

A partir do contato com os segmentos mapeados, selecionei para o estudo da minha monografia a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ). A Quadrangular se configurou como uma igreja do evangelismo dinâmico, movimentando tendas e fundando novas igrejas gigantescas, direcionando a sua corrente doutrinária à cura divina. (Diniz, 2012, p.06). Pensei como princípio pesquisar a identificação pentecostal a partir desta igreja, e me deparei com um ambiente simbólico muito rico.

Esse primeiro contato em pesquisa me fez observar as técnicas mostradas ao longo da graduação, e fui praticando muitas dessas ferramentas, como: observação participante, entrevistas, conversas informais, participei de datas comemorativas, fiz análise dos discursos dos pastores (Diniz, 2012).

---

<sup>7</sup> A pesquisa fez parte do PIBIC/CNPq/URCA. Com orientação da Prof. Dra. Renata Marinho Paz.



No processo de mapeamento em que participei da pesquisa sobre avanço pentecostal em Juazeiro do Norte, tive experiências com várias igrejas pentecostais e neopentecostais. Com isso eu não estava na pesquisa apenas como pesquisadora, eu estava sendo vista como uma frequentadora que poderia ser convertida, e esse equilíbrio entre pesquisar e está na igreja, me mostrou a complexidade de pesquisar religião. “A relação construída entre pesquisadora e grupo pesquisado só tem sentido porque há uma elaboração, uma aceitação, um espaço negociado por ambas as partes num diálogo constante, porque, de certa maneira, todos nós somos afetados”. (Ferreira, 2009, p.461)

Percebi o quanto foi difícil me inserir no campo e dialogar com os fiéis. O que facilitou esses momentos foi a frequência no lugar de estudo e, neste sentido, as minhas visitas aos cultos me aproximaram das pessoas. A relação com os pastores sempre foi receptiva, porque eles tinham como intuito a minha conversão.

Mas em relação aos fiéis tive maiores dificuldades, porque fui vista como uma invasora da intimidade deles. Em alguns momentos dos cultos acontecem manifestações íntimas e eu, como estava nesses momentos, não sendo uma fiel, incomodava-os. Porém a convivência, as conversas sobre momentos fora da igreja, sobre a vida desses fiéis, diminuiu o abismo entre os nativos e a minha pessoa, e acabamos nos relacionando melhor, ou seja, eu fui ganhando a confiança das pessoas, e assim amenizando esse abismo. “Além de verificar o meu lugar como estrangeira, a diferença ali também revela a outra face daquela que observa a religião, ou que pelo menos a tangencia, como é o meu caso, pelo fato de estudá-los e ser para eles, ao mesmo tempo, uma futura ‘reversa’.” (Ferreira, 2009, p.460).

Para mim, contudo, tudo isso foi à porta de entrada na prática acadêmica. Acredito que foi a fonte religiosa que me inspirou a ver, como um sistema tão complexo como é o religioso, mostrar outras vertentes, outros assuntos sociais, que estão envolvidos ali.

Num espaço, que é o espaço de uma igreja, como: a hierarquia, os papéis sociais, a sociabilidade, a questão de classes sociais, a burocracia, o indivíduo e o coletivo, estratégias e táticas de um convívio social, o corpo se expressando, o poder, a disciplina, o *habitus* adquirido no campo, o ritual, o simbólico, a ordem (que estrutura o caos).

É aqui que vejo o que os teóricos da Sociologia e Antropologia falaram. Mas é ao mesmo tempo em que, as crianças: Marta, Júlia, e os adultos, João, Maria, Ana, Carlos<sup>8</sup> falam e vivem na estrutura social, é a arte do cotidiano, que se transforma em teoria social e sociológica. É através desse ambiente rico, que me construo como pesquisadora.

## 1.2. “O que é um adulto? Uma criança de idade.”<sup>9</sup>. Pesquisando crianças

Pesquisar crianças aconteceu depois do meu ingresso no mestrado, confesso que meu trabalho mudou, minha orientadora me convidou a unir religião e criança.

Na minha monografia (Diniz, 2012), escrevi sobre crianças em um momento, porém descrevi como era o convívio daquelas crianças, sem me atentar às questões epistemológicas, metodológicas e teóricas sobre o assunto.

Lembro que coloquei uma foto das crianças que retirei do site da igreja no dia das crianças em 2011, mas aquela questão, naquele momento ainda não havia me alcançado. Foi então que a ideia de pesquisar crianças pastoras me foi apresentada, e essa ideia me encantou.

Meu primeiro desafio foi me aprofundar em textos que falavam sobre crianças. Então eu fui aprendendo que criança é um ator social, ela se expõe, mostra o que pensa, e principalmente é na construção da infância que muito pode ser dito sobre aquela cultura, aquela sociedade.

Ao entrar no grupo Crias (Crianças, cultura e sociedade), grupo de pesquisa liderado pela Professora Dra. Flávia Pires, e membros da Graduação de Ciências Sociais, e Pós Graduação em Antropologia; que eu entrei, como membro da Sociologia.

Em vista disso, me veio o turbilhão de estudos sobre crianças. Percebi que o problema era que eu usava a lente que não alcançava a visão dos estudos sobre crianças e infância, e a partir de então, pude me afetar por esse novo campo, como pesquisadora, que acabara de aceitar mais um desafio ao pesquisar crianças.

---

<sup>8</sup> Nomes fictícios usados como exemplos de nomes dos atores da pesquisa.

<sup>9</sup> Frase de Simone de Beauvoir.

Iniciei lendo, me aprofundando, entendendo. Comecei a pesquisar vídeos da internet que se visto nos sites parecia um “espetáculo”, revelo que muitas dessas páginas eu sentia medo. Sites como: Dilma na rede<sup>10</sup>, diz que “crianças que pregam são vistas como um crime da moda”, protestando pelos direitos delas; considerando esse ato como um trabalho infantil. Estes vídeos seria uma espécie de estratégia das igrejas em colocar estas crianças pregando na rede.

No programa “Pregadores Mirins”<sup>11</sup>, do canal National Geographic exibiu no ano de 2011 e 2012, um programa com três crianças diferentes que “promovem uma guerra contra os pecadores”. A reportagem da emissora apontava o crescimento desse fenômeno. Mostrava a aposta das igrejas nessas crianças, que muitas vezes ainda não sabem ler.

Através da mídia televisiva ou da internet, as crianças são apresentadas como os pastores mirins, nestes vídeos alguns causam medo, ao ver uma criança como um “espetáculo”, no sentido de as adultizar, ou seja, é através das repercussões desse fenômeno na rede que vai haver maior visibilidade para as crianças e para a igreja, como forma de propaganda e promoção destes.

Nesse espetáculo, as crianças são vistas como pessoas que tem um dom, que já nasceram com esse dom. O que na verdade é feito, são classificações sobre possíveis papéis que as crianças podem ocupar quando ficarem adultas na igreja, como: pregar, cantar, fazer missões, ou seja, a igreja constrói esses dons, no entanto, eles adéquam as afinidades das crianças, mas sempre nessa questão de construção e não de dom. De acordo com a literatura sócio-antropológicas nada é inato, tudo é construído socialmente, se a criança tem tendências a pregar e possuir a retórica, isso vai sendo construído na sua formação dentro da unidade religiosa que ela foi colocada.

Decidi observar de longe esses sites, mas sempre tendo a preocupação de vê-los. Para isso, estudos sobre a relação criança e religião são escassos, e pensar sobre um “problema” como esse, é pensar sobre como acontece a formação destas crianças em lócus. “Para o antropólogo, assim como para a criança, os dados, todavia, não estão disponíveis na superfície. Para decodificá-los é preciso pesquisa de campo”. (PIRES, 2011, p.25). Ou seja, no conteúdo midiático apresentado acima, sobre crianças pastoras não há estudos de pesquisa de campo.

---

<sup>10</sup><http://dilmanarede.com.br/ondavermelha/blogs-amigos/criancas-pastoras-e-o-crime-da-moda-em-algumas-igrejas>.

<sup>11</sup> <http://www.natgeo.com.br/br/especiais/pregadores-mirins>.

Pesquisa de campo foi essencial para estudar crianças, e logo me lembrei de manuais de Sociologia que falam sobre observações de campo, como também me recordei de estudos de campo como os de Lewis (2006) e Falcão (2010). Segundo Flick (2005) “A observação participante deve ser entendida sob dois aspectos como um processo. Em primeiro lugar, cada vez mais, tornar-se um participante e obter acesso ao campo e às pessoas (...). Em segundo lugar, a observação deve passar também por um processo para tornar-se cada vez mais concreta e concentrada”.

Fui para meu campo na tentativa de “ser aceita”, tentei absorver tudo que pude de literatura sobre crianças como: Pires (2011), Lewis (2006), Cohn (2005), Nunes (2007), Campos (2009), Santos (2011), Silva (2013), mesmo observando que literatura sobre crianças que pregam não existiu. Aprofundei-me então em textos sobre crianças e religião como de: Falcão (2010); Pires (2009) e Campos (2009).

Algumas dúvidas surgiram para entrar em campo; antes das minhas visitas as igrejas, eu me perguntava, será que vou ter acesso as crianças? Como é difícil estudar crianças sem ser criança, já afirmou Pires (2010, 2011). Nunes (2007) reflete um pouco sobre essa relação:

Ao discorrer sobre a relação adulto-criança na sua pesquisa e relatar sua própria experiência, alude ao fato que não é preciso que o pesquisador torne-se um nativo no seu universo de pesquisa, mas que seja colocado em perspectiva com o “outro” a ser pesquisado de maneira a construir uma relação de confiança e reciprocidade entre ambos, permitindo assim, que a realidade flua quebrando as barreiras de geração, mas sem anular as identidades de adulto e criança, pesquisador e pesquisado. (p.154)

Desse modo, ao mesmo tempo eu me interrogava, mas você já realizou pesquisa sobre evangélicos, sem ser evangélica? Então, era a mesma estratégia? Evidentemente que não, pois cada pesquisa se diferencia. Cada ida a campo é uma nova reconstrução que deve ser feita, no intuito de tentar entender como funciona a igreja que pesquiso, e as crianças que se encontram nela.

Para pensar sobre o que acontece com crianças que pregam, comecei a pesquisar em lócus, na tentativa de conversar e conviver com essas crianças. Iniciei a pesquisa de campo, em agosto de dois mil e doze, já estava a par de vários textos, Cohn (2005), Pires (2007, 2010, 2011), Campos (2009), Sarmiento (2005), Qvortrup (1993). Agora

estava no momento de encontrar as crianças, foi então que conheci Ana<sup>12</sup>, que me levou a conhecer a igreja Assembleia de Deus em Bayeux (PB).

Fui e assisti a um ensaio de músicas das crianças, em dezoito de agosto de dois mil e doze, um sábado. Conversei com uma das coordenadoras que me informou que naquele dia, eram realizados ensaios e que interessante mesmo seria o culto da quinta, porque é o culto onde as crianças pregam. Neste dia, elas fizeram orações, pedidos e cantaram hinos de louvores da igreja.

Eu não vi de fato, nenhuma criança pregando, vi da mesma forma como ocorria na igreja Quadrangular quando a pesquisava, com músicas e leituras. Comecei a me incomodar com a falta de cultos. Em vinte e sete de setembro de dois mil e doze, retornei a igreja, mas dessa vez não fui assistir ao ensaio, assisti a um culto mesmo, a igreja era muito parecida com a primeira que fui sendo esta maior.

Neste culto não conseguia ouvir o pastor, mas quando um garoto foi pregar consegui ouvi claramente o que ele dizia. No decorrer do culto a Mocidade cantou, as crianças cantaram, e uma criança subiu ao altar para pregar e me veio à sensação de: “agora sim, entrei no campo de pesquisa das crianças”, só que não era verdade, eu estava vendo não só o que o pastor-mirim iria falar, mas eu já estava percebendo os meninos que vieram mais “arrumados” com seus paletós iguais a um pastor, vi dois dessa forma. Percebi também o elo de comunicação entre as mães e as “tias” que são as coordenadoras.

O garoto repetia essa frase: eu estou feliz em “*TER A OPORTUNIDADE*”, e pregou, fez orações. A desenvoltura do menino em abaixar o microfone para ficar da sua altura, se contrariava com os gestos de explosão que ele fazia com os braços, o corpo se abaixando, ao mesmo tempo em que os braços e a sua voz subiam.

Foi a primeira vez que assisti a um culto infantil, contando ainda com os vídeos que já assisti pela internet, porém foi diferente do que eu já assistira, porque vídeos da internet só mostram o momento da fala dessas crianças, não mostram o contexto da igreja, das pessoas que estão assistindo a esses cultos, nem o contexto do bairro que está inserida essa igreja.

Lendo os meus relatos de campo, após de sete meses, percebo que tentei apontar outros fatores que se diferenciavam daquelas crianças dos vídeos da internet, como o espaço, o bairro, a cidade, mostrando as particularidades do contexto que aquelas

---

<sup>12</sup> Os nomes dos atores envolvidos, foram todos trocados, acredito ser melhor, devido usar o nome das crianças também.

crianças estavam pregando. Todavia, acredito que vendo os vídeos da internet não muda o “espetáculo”, porque é apresentado como um espetáculo, mas eu queria entrar em contato e não conseguia.

Em vinte e cinco de outubro do mesmo ano, retornei a igreja Assembleia de Deus. Neste dia conversei com uma coordenadora, mãe de um pastor mirim, ela, disse que não sabia o porquê, e qual era a minha finalidade em está ali. Expliquei que era um estudo sobre crianças evangélicas que pregam; observei que ela ficou um pouco confusa, e me afirmou que cada um tem um dom, Deus dá um dom para cada. Nos ensaios do sábado ela os colocava para ler e interpretar a Bíblia, e o menino (filho dela) foi um dos que se destacou, já outros se destacam com o louvor, outros tem tendência a ser missionários.

Neste culto fui “bombardeada a me converter”, inclusive pelo pastor mirim, o que foi um conflito intenso para mim está nessa igreja. Assim como Ferreira (2009) em “Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores-performers da religião”, onde a pesquisadora passava por momentos de angústia em relação as tentativas de sua reversão, no meu caso, nas minhas tentativas de conversão.

O pastor mirim no seu discurso, falava que Deus tem projeto para nós, que cada um tem um significado para Deus. Em meio a pregação ouvi uma mulher atrás de mim dizer: “ele está parecendo um velho falando”. O que poderia ser pensado como uma “adultização” do garoto, ou seja, para ela, só quem tem aquela desenvoltura é um pastor adulto.

Com isso, lembrei-me de Foote White em “Sociedade de Esquina”.

Logo descobri que as pessoas estavam desenvolvendo a sua própria explicação sobre mim: eu estava escrevendo um livro sobre Corneville. Como esclarecimento isso podia parecer inteiramente vago e, no entanto, era suficiente. **Descobri que a minha aceitação no bairro dependia muito mais das relações pessoais que desenvolvesse do que das explicações que pudesse dar.** (WHITE, 2005, p.79, grifos meus.).

Pois, você produz algo, mas também está embutido em algo que produzem de você. E esse culto foi muito tenso, até porque depois que terminou eu fui falar com a mãe do garoto, mas ela que, antes me recebera muito bem no início do culto, mesmo um pouco confusa com a minha justificativa de pesquisar uma criança que pregasse, tentava agora se esquivar. Percebi assim, que ela ficou com medo por eu não ter me convertido.

Essa complexidade que não apenas eu observo como pesquisadora, mas eu sou observada. No caso, a mãe do garoto me observou como uma possível desviada, que não iria se converter, e por isso não merecia que entrasse ou “invadisse” a vida dela e do filho. Fiquei muito apreensiva e nesse momento pensava em desistir da pesquisa, porque além do forte bombardeio, eu não conseguia me aproximar das pessoas, e a frequência de encontros com as crianças parecia cada vez mais se distanciar.

Em outro momento, conversando com minha orientadora ela me disse: “Priscila mais do que o ato em si, o que importa também é o contexto, cadê a socióloga?”. Fiquei pensando nisso, mas na verdade, na Assembleia o ato era igual ao ato dos vídeos da internet. Por outro lado, o contexto não queria a minha presença, tanto que não recebi mais nenhum telefone, email ou qualquer meio de comunicação da fiel que abrisse espaço para eu ir à igreja. Cheguei a entrar em desespero, “como vou observar as crianças?”.

Foi então que comecei a espalhar para amigos em redes sociais que precisava ver de fato alguém que conhecesse crianças que pregavam. Conheci uma moça adventista, de Recife que se pronunciou e começamos a nos falar. Flick (2005, p.113) diz que “outro caminho para a seleção de entrevistas é o pesquisador aplicar a estratégia da bola de neve e fazer com que um caso o leve a outro”. Usei a “bola de neve”, meus contatos se ampliaram, e consegui chegar à igreja Adventista. A garota do meu contato então, me convidou a visitá-la na igreja Adventista de Camaragibe (PE). No dia dezenove de janeiro de dois mil e treze, quase dois meses depois da minha última ida a campo, fui visitar a igreja dela.

Essa igreja difere das outras que já produzi trabalho, porque é uma igreja Protestante Histórica, que nasce com o movimento de luterano e não usa dons de línguas como os pentecostais. É importante observar que os evangélicos englobam protestantes históricos e pentecostais. Na denominação dos protestantes há um pequeno crescimento e, “embora as taxas de crescimento do protestantismo histórico sejam inferiores às do pentecostalismo, são muito elevadas” (MARIANO, 2004, p.122). Mas a expressão dos evangélicos que ascendem mais são os pentecostais. (...) Segundo Mariano (2010, p. 28), “os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com servos”. Diniz (2011, p.13).

A igreja Adventista tem cultos principais nos sábados e os fiéis sempre se cumprimentam com a saudação de: “Feliz Sábado”. Fiquei na sala das crianças; nessa igreja há duas salas de crianças, uma com menores de 5 anos e uma sala com crianças que variam de 8 a 11 anos (a sala da qual fiquei), a sala não é grande, os participantes são cinco: 4 meninos e 1 menina.

Na sala da qual fiquei havia três “tias”, e eles conversam, cantavam e faziam suas atividades, ficavam em círculo sobre uma mesa redonda, fiquei na roda também, antes havia me apresentado a uma das professoras e explicado o meu intuito em assistir a aula deles. Ela me informou que esse procedimento de ter aulas para crianças é mundial da igreja Adventista, e que em João Pessoa teria também.

Neste dia participei da interação, em um dos exercícios, uma tia apresentou uma atividade com quadrados sobre qualidades e pediu que cada um deles escrevesse o nome da pessoa que tinha aquelas qualidades. Como eu não conhecia ninguém, apenas observei, todavia, daquele exercício a menina Lia, me perguntou qual era o meu nome, e me colocou uma daquelas qualidades. Fiquei feliz em ver que eu era percebida, de forma a me igualar a quem estava presente, mesmo não participando ativamente daquele exercício.

Gostei da dinâmica da igreja, porque nas observações que eu estava assistindo, era sempre já a criança pregando e eu não tinha contato direto com elas, e naquela ocasião, tive contato com as crianças e vi que, nas aulas é onde há a preparação para que elas estudem e falem em público. Essa observação me fez retornar à pesquisa de uma forma diferente, dessa vez eu não via o ato em si, observava as questões que estão em torno das crianças.

Por conseguinte, percebi que o campo estava me mostrando que, nas igrejas antes mesmo de se tornarem pastores, sejam elas crianças ou adultos, a evangelização é essencial, todos que compõem a igreja passam por esse processo. Ou seja, eu necessitava ver como funciona a evangelização infantil adventista, pois a evangelização é uma estratégia para a nova geração.

Foi comentando na aula de estágio, que conheci uma garota que é adventista em João Pessoa, foi ela que me explicou sua igreja, e onde era, e me abriu espaço para realizar a pesquisa. Desse modo, é a partir dessa igreja, que esse trabalho foi se definindo, focando na igreja Adventista dos Bancários em João Pessoa.



A minha primeira visita a esta igreja ocorreu em dois de fevereiro de dois mil e treze, com isso, o campo começou a se desenhar para mim, diferente do que eu queria impor.

Como na vida, não tentem direcionar demais o curso das águas, deixem a vida nos levar e tentem aproveitar os momentos de incerteza para perguntar aos nativos o que está acontecendo! Dificilmente o antropólogo escapa da pecha de chato, inconveniente ou louco. Chato porque pergunta sobre tudo, como a criança nas idades dos por quês. Inconveniente porque força as pessoas a se questionarem sobre o que é tido como naturalizado. E, louco, justamente, porque parece desconhecer as verdades inquestionáveis. (PIRES, 2011, p.145)

Foi a partir disso que usei de fato a observação participante, no total de dez visitas a igreja Adventista do Sétimo dia nos Bancários, assisti dez horas de um curso extensivo sobre a Bíblia para a idade de sete a dez anos, e mais uma hora de cada culto que fiquei depois da aula da Escola Sabatina, no total de dez horas de culto aberto. Foi então que percebi assim como Velho (1978):

A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigativo constituem sua marca registrada. Insiste-se na ideia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente. (p.36)

Entrei em contato, tentei me aproximar o máximo possível das crianças, com conversas antes do início das aulas, ou no fim das aulas, com meninos e meninas, em alguns momentos acreditava que elas falavam mais comigo nos espaços externos da igreja, como se a sala de aula fosse sagrada. Mas repensando sobre esses acontecimentos pude perceber que isso se dá, principalmente, porque na sala de aula é como se fosse uma escola, ou seja, na sala todos devem se comportar, e interferir somente quando alguns dos professores pedem. Fui também a uma aula do Clube dos Aventureiros, clube que duas crianças que conheci na Escola Sabatina frequentam.

Porém para chegar às crianças tive diversas dúvidas. Uma delas, foi quanto à vestimenta, todo o dia ao ir para a igreja eu ficava me perguntando com que roupa eu vou? Essa dúvida de momentos práticos surgiu porque a primeira vez que eu fui à igreja, foi de calça comprida, e lá as mulheres não usam esse tipo de roupa. No entanto, eu sempre quis ir assim, para reafirmar através da minha imagem que eu sou pesquisadora e não pretendo ser fiel, só que é diferente, eu estou com crianças, e para ser aceita eu tive que achar vestidos, para poder me aproximar delas.

Não posso ir igual às demais mulheres que se arrumam muito para esses sábados, as mulheres usam sapatos altos, vestidos. As meninas vão bem “arrumadinhas” de vestido e sapatilha, não que eu queira me vestir igual às meninas, mas eu preciso ir de modo que ao me olharem tenham mais confiança em mim.

Deveria ir adequada ao local, mas ao mesmo tempo não poderia me tornar uma criança, e por isso diz Pires (2011) “É imprescindível ressaltar que o meu intento não era ‘tornar-me nativo’, mas, sim, ser assimilada pelas crianças como uma adulta diferente. Uma adulta que interagem com elas, seja brincando, seja conversando, seja discutindo. (p.39)”. Observei assim, como as crianças se arrumavam para chegar à sala.

Alice (8 anos), arruma-se de vestido, cabelo molhado com um lacinho na cabeça, e um sapatinho. Sara (9 anos) a mais velha da turma, usa saia, percebi que ela vai sempre de saia, camisa e sapatinho, creio que seja uma forma de demonstrar que já é “maiorzinha” do que as outras crianças, e João (7 anos) filho do professor, usa óculos, e vai sempre de calça e camisa<sup>13</sup>. Essas crianças foram as três que possuíam maior frequência na igreja, e foram as crianças que tive maior contato.

Por isso, todos os dias eu me fazia a mesma pergunta, com que roupa eu vou? Acreditava que todo dia seria essa complicação, mas eu me adaptei ao sábado, eu me moldei a ir de vestido e sapatilha.

Essas questões metodológicas me ajudaram muito a como me comportar, e como fazer com que eu obtivesse resultados para minha pesquisa, tanto que no dia dezesseis de março aconteceu um fato, que acredito ajudou-me a reafirmar que eu não era “tia” da sala, tal como Pires (2011), e que o meu propósito de usar sapatilhas, e não sapato alto, deu certo.

Em um desses momentos, de chegar a igreja e assistir às aulas, entrei na sala dos Primários, estavam lá as duas meninas, uma menina de uns 13 anos, que já usava os sapatos altos, e um menino (que depois descobri que seu nome é Rafael, deve ter 11 anos, e não se considera mais crianças) e não é dos Primários.

Assim que entrei, ele me interrogou: “Você também é dos Primários”, a pesquisadora: “Sou sim dos Primários”, e ele continuou: “Também desse tamanho, só poderia ser dos Primários”, isso foi muito bom. Essa frase do garoto mostrava que ele estava se “vangloriando” porque não era mais dos Primários, demonstrando que era

---

<sup>13</sup> De acordo com as roupas, o jeito de falar, a maneira como se comportavam as crianças, eu poderia ter traçado um perfil socioeconômico das crianças, porém como não realizei nenhum tipo de questionário, ou, outro recurso que me fornecesse ferramentas para pensar sobre esse assunto, devido ao pouco tempo. Decidi não traçar esse perfil, podendo, no entanto, usar em futuras pesquisas.

maior que eu e as meninas da sala; isso o fez acreditar que eu era uma aluna, e não uma adulta que estava nos Primários.

### 1.3. Metodologias que me ajudaram a compor o trabalho

Para compor esse trabalho, usei como metodologia base a etnografia.

Ethnographic methods, in particular, are advocated as means of getting nearer to the ‘truth’ about what childhood is like (see Gubrium and Silverman, 1989). Modern ethnographic methodology, however, concurs with discourse theory, at least to the extent that it rejects a naturalistic view of ethnographic data. (JAMES & PROUT, 2005, p.25)

Unindo-se com outras atividades como os desenhos e recortes. Assim como afirma Cohn: “Crianças façam desenhos a partir de um determinado tema de interesse da pesquisa, com, digamos, a família ou a escola. Ou ainda fornecer material, como recortes de imagens de revista, para uma colagem”. (2005, p.46). Pensando ainda em desenhos concordo com: Santos (2011), Pires (2011). Usei então os desenhos na minha pesquisa com títulos, quando as crianças sabiam escrever.

Realizei três sessões de desenhos, divididas nas seguintes perguntas: “O que é ser uma criança adventista”, no mesmo dia também perguntei: “Porque eu gosto da igreja Adventista?”, pedia que elas colocassem seus nomes e um título, assim como Pires (2011) em “Quem tem medo de mal-assombro?”, essa sessão foi muito significativa para o aprofundamento da pesquisa.

Também trabalhei atividade com desenho com as crianças de 4 a 6 anos, da sala do Jardim, e pedi que elas desenhassem “a igreja Adventista e elas”.

Fiz também uma atividade de desenhos com os Primários, crianças de 7 a 10 anos, que foi: “como vai ser a volta de Jesus?”, elas também colocaram título e nomes, essa atividade também foi muito significativa para pensar a teologia da igreja, e como ela é reproduzida pelas crianças.

Também pedi recorte em outro momento, e elas realizaram essa atividade em casa sobre: “a figura de um pastor, o dia a dia das crianças, e o dia em que elas vão à igreja”.

Outro recurso metodológico que utilizei foi a entrevista, no total de duas entrevistas, uma com a praticante Marina que me abriu espaço na igreja, ela cresceu sendo adventista. Outra entrevista foi com a professora dos Primários a tia Daniela.

Outro artifício também foi à leitura das lições adventistas do primeiro semestre, com as lições dos professores e dos alunos; observando os recursos pedagógicos da igreja, e a maneira como os professores conseguiam acessar e passar para as crianças.

Não fiz redações porque quase todos da sala estão sendo alfabetizados, e ainda não sabem escrever textos grandes.

Tive oportunidade de observar o grupo dos Juvenis, com idade entre 11 a 13 anos, poderia ter realizado uma visita e uma atividade com essa faixa etária, assim como fiz com o grupo do Jardim, mas achei interessante não abordá-los, porque ao falar com eles e com as pessoas da igreja, falava que aplicaria atividades com os Juvenis, ou seja, com as crianças entre 11 a 13 anos, e logo uma fisionomia de espanto rejeitava, negando a infância deles. Eles não se denominam mais como crianças, e é perceptível ver isso, como o exemplo de Vinicius, do grupo dos Juvenis, que estava na sala dos Primários e disse que eu só poderia ser da sala dos Primários, ou seja, eles se afirmam Juvenis-Adolescentes pelo que falam, e pela maneira como expressam que já saíram desta fase.

Depois de todo esse percurso de métodos apresentados acima, recorde-me dos conflitos que passei para realizar a pesquisa na Igreja Adventista. A minha entrada foi de forma fluída, os professores da turma entenderam que era uma pesquisa e me deixaram fazer a coleta necessária com eles, coincidentemente, uma das professoras estava passando também por processo de coleta para sua pesquisa de dissertação, fato esse que me ajudou bastante.

No entanto, certas vezes sentia a pressão para me tornar uma fiel, como ter que levar meu filho de 7 anos também à igreja, e participar do grupo dos Primários, a insistência era constante dos professores. Outro fato desse meu conflito em pesquisar a igreja, ocorreu no último dia quando encerrei com a entrevista, os professores disseram que ficaram felizes com minha estadia na igreja, mas que da próxima vez que eu fosse era para me unir a filosofia adventista. Em suma, mesmo me dando abertura eles não desistiram da minha conversão, mas isso é um fato lógico para os evangélicos, eu ouvi todos os ensinamentos durante três meses o esperado era que eu me convertesse.

Encerro, portanto, esse capítulo, no intuito de mostrar um pouco minha entrada no universo da academia, tentando sempre me propor a me refazer no universo da pesquisa, confesso que a caminhada é longa. No qual nesta sessão, trouxe a metodologia

usada no trabalho, e os processos dos quais pude chegar aos conceitos de crianças, evangelização e socialização, sendo chave de leituras para constituir a minha pesquisa.

## **CAPÍTULO II: DIALOGANDO COM TEORIAS, TECENDO SABERES SOBRE A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA.**

Neste capítulo pretendo dialogar com autores sobre os conceitos de agência, partindo do pensamento do sociólogo Anthony Giddens. Usando os conceitos de agência e estrutura com a teoria da Estruturação; observando o sistema social e os agentes envolvidos, com foco no ator social criança.

Desenvolvo também pensamentos de autores que estudaram a Sociologia da Infância e da Antropologia da Criança, como Ariès (1981); James e Prout (2005), explicando que é a partir disso, que quero fundamentar o meu campo de pesquisa. Aponto sobre o conceito de infância e criança como construção social, uno os conceitos de criança e infância como conceito de agência infantil, logo, compartilho dos pensamentos de autores como Pires (2008), Nunes e Carvalho (2007); e Cohn (2007) em relação a agência infantil.

Sobre a criança e a religião, qual a ligação? Como estudá-las juntas? Observando trabalhos que analisaram as crianças e a religião como de: Pires (1995, 2010, 2011); Falcão (2010); Fassoni (2010) e Campigotto (2012), tentando absorver o possível para meu estudo de crianças e religião na igreja Adventista.

### **2.1. Qual a contribuição da teoria da Estruturação para a Sociologia da Infância? Dialogando com Giddens sobre o conceito de agência.**

Antes de falar sobre os diversos conceitos e formas de pensar a criança e a infância, abro um parêntese que acredito ser muito importante para pensar a questão da agência infantil, essa questão veio com as reuniões do grupo de pesquisa Crianças, Cultura e Sociedade (CriAs), onde foi abordado como deveríamos pensar estrutura e ação.

Logo porque, se só a estrutura dominasse, não haveria espaço para a agência, ou seja, a agência ficaria condicionada a estrutura, como se a estrutura fosse dura, para tanto a agência pode modificar com pequenos atos, não tornando essa estrutura tão dura e inflexível.

Para tanto acredito que Anthony Giddens tem muito a contribuir no texto “A Constituição da Sociedade” (1989), com o conceito de Estruturação. A Estruturação se forma através das relações sociais, ao longo do tempo e espaço, em virtude da dualidade da estrutura. Essa dualidade da estrutura significa que essa estrutura é o meio e o resultado da conduta social que ela organiza.

As propriedades estruturais de sistemas sociais só existem devido à ação, que estão envolvidas na produção e reprodução da estrutura. Segundo Giddens:

O domínio básico de estudos das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação, não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. As atividades sociais humanas, à semelhança de alguns itens auto-reprodutores na natureza, são recursivas. Quer dizer, elas não são criadas por atores sociais mas continuamente recriada. Põem eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores. (GIDDENS, 1989, p.02)

Ou seja, existe uma estrutura que organiza, mas que ao mesmo tempo, interage com a ação que transforma, produz, mas também reproduz a estrutura. Para entendermos a dualidade da estrutura é preciso ser mostrado o que Giddens expressou sobre os atores (agentes) e sobre a estrutura.

Os agentes ou atores humanos, segundo a teoria de Giddens, tem aspecto inerente da capacidade para entender o que fazem enquanto o fazem, mas a reflexividade opera apenas parcialmente num nível discursivo. O que os agentes sabem acerca do que fazem e de porque o fazem, está contido na consciência prática, onde os atores sabem acerca das condições sociais, mas não podem expressar discursivamente. Para Giddens:

Os atores não só controlam e regulam continuamente o fluxo de suas atividades e esperam que outros façam o mesmo por sua própria conta, mas também monitoram rotineiramente aspectos, sociais e físicos, dos contextos em que se movem. (...) Embora atores competentes possam quase sempre informar discursivamente sobre suas intenções ao- e razões para- atuar do modo que atuam, podem não fazer necessariamente o mesmo no tocante a seus motivos. A motivação inconsciente é uma característica significativa da conduta humana. (GIDDENS, 1989, p.04 e 05)

Os agentes transformam, mas também monitoram a estrutura. Continuando o conceito de agência de Giddens:

“Agência” não se refere às intenções que as pessoas têm ao fazer as coisas, mas à capacidade delas para realizar essas coisas em primeiro lugar (sendo por isso que “agência” subentende poder (...) “alguém que exerce poder ou produz um efeito”). “Agência” diz respeito a eventos dos quais um indivíduo é o perpetrador, no sentido de que ele poderia, em qualquer fase de uma dada seqüência de conduta, ter atuado de modo diferente. O que quer que tenha acontecido não o teria se esse indivíduo não tivesse interferido. A ação é um processo contínuo, um fluxo, em que a monitoração reflexiva que o indivíduo mantém é fundamental para o controle do corpo que os atores ordinariamente sustentam até o fim de suas vidas no dia-a-dia. (p.07)

Ou seja, a agência é poder fazer algo, que produz efeito, uma consequência, e é por isso, que achei interessante usar Giddens com esse conceito. Porque as crianças produzem efeito onde vivem, interrogando com seus porquês, e isso pode ser percebido quando nos mínimos porquês, a estrutura não se torna dura. As crianças poderiam ser pensadas como atores que legitimam, reafirmam e reproduzem a estrutura, através da sua agência, elas também refazem a estrutura de acordo com suas novas percepções e com pequenos atos que podem ser visualizados, como perguntas que interrogam os professores.

A estrutura assim constitui a ideia de possui as “regras do jogo”, pois é através da estrutura que o sistema social se organiza. Nesse sentido compartilho com Giddens:

Não pode haver dúvidas sobre o modo como “estrutura” é usualmente entendida pelos funcionalistas e, de fato, pela vasta maioria dos analistas sociais- como uma espécie de “padronização” das relações sociais ou dos fenômenos sociais. (...) Tais concepções estão intimamente ligadas ao dualismo de sujeito e objeto social: “estrutura” apresenta-se nesse caso como “externa” à ação humana, como uma fonte de restrições à livre iniciativa do sujeito independentemente constituído. (GIDDENS, 1989, p.13)

Por isso também, a importância de pensar estrutura na teoria da Estruturação, os dois em conjunto forma uma teoria da dualidade, que é a união da estrutura e agência, e não do dualismo, que seria a confluência da estrutura e ação. Giddens continua:

A estrutura, como conjunto de regras e recursos recursivamente organizados, está fora do tempo e do espaço, exceto em suas



exemplificações e coordenação como traços mnêmicos, e é marcada por uma “ausência do sujeito”. Os sistemas sociais em que a estrutura está recursivamente implicada, pelo contrário, compreendem as atividades localizadas de agentes humanos, reproduzidas através do tempo e do espaço. Analisar a estruturação de sistemas sociais significa estudar os modos como tais sistemas, fundamentados nas atividades cognitivas de atores localizados que se apoiam em regras e recursos na diversidade de contextos de ação, são produzidos e reproduzidos em interação. (...) A constituição de agentes e estruturas não são dois conjuntos de fenômenos dados independentemente - um dualismo-, mas representam uma dualidade. (...) A estrutura não é “externa” aos indivíduos: enquanto traços mnêmicos e exemplificada em práticas sociais, é, num certo sentido, mais “interna” do que externa às suas atividades, num sentido durkheimiano. Estrutura não deve ser equiparada a restrição, a coerção, mas é sempre, simultaneamente, restritiva e facilitadora. (GIDDENS, 1989, p.20)

Pensando nesse propósito, e trazendo para a pesquisa sobre crianças e religião, penso a igreja, que é uma instituição, e “as instituições são, por definição, os aspectos mais duradouros da vida social. Ao falar das propriedades estruturais dos sistemas sociais refiro-me às suas características institucionalizadas, proporcionando “solidez” através do tempo e do espaço”. (Giddens, 1989, p.19).

Essa instituição, a igreja é como um sistema social que necessita de uma estrutura e da ação dos seus agentes, a estrutura por sua vez, produz regras e recursos que ajudam na interação dos agentes; mesmo que a estrutura restrinja com regras, ela facilita a interação dos agentes.

É por isso que a teoria da Estruturação de Giddens pode ser usada na pesquisa com o sistema social igreja, que precisa de uma estrutura, e que necessita de agentes (atores) no caso da pesquisa que realizei com os adventistas, com foco nas crianças como atores sociais. Para isso inicio agora um diálogo sobre crianças e agência.

## **2.2. Sociologia da Infância e Antropologia da Criança**

A definição da infância tem por base universal biológica um período adequado, porém culturalmente essa categoria muda, através de processos contextuais. Para discutir esse conceito de infância como construção social, é importante observar os debates de Ariès (1981); James e Prout (2005) sobre a construção da infância, da

história e a construção da nova teoria sobre criança e infância; que mostram ao longo tempo como ocorreu à edificação do conceito de criança como categoria social.

Ariès em “História Social da Criança e da Família.” (1981), nos conta como eram vistas as crianças na velha sociedade tradicional da Idade Média, é nesse texto que vemos a “insignificância da infância”. Segundo o autor:

As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais. (...) Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência. Essa é a razão pela qual as palavras ligadas à infância iam subsistir para designar familiarmente, na língua falada, os homens de baixa condição, cuja submissão aos outros continuava a ser total. (Ariès, 1981, p.19 a 21).

Ou seja, a insignificância era agregada a dependência, ser dependente era ser rebaixado na sociedade, continuando com Ariès:

De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média. A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade. As pessoas se divertiam com a criança pequena como com um animalzinho, um macaquinho impudico. (Ariès, 1981, p. 03)

Isso mostra que a “passagem” das crianças na sociedade, possuía ênfase na ridicularização, futilidade e banalidade da infância. Segundo Ariès a infância iniciava na Idade Média com o nascimento dos dentes, e por isso chamado de enfant (criança), que quer dizer, não falante, ou seja, as crianças não falavam, não podiam se expressar, melhor ainda, até falavam, mas não eram ouvidas. Só se saía da infância, quando se saía da dependência.

No texto do autor há uma citação muito interessante, e que liga também a ideia de criança e religião, porém vista no século IX. Assim diz Ariès:

É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomiana do século XI nos dá uma idéia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão. O tema é a cena do Evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a ele as criancinhas, sendo o texto latino claro: parvuti. Ora, o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles

foram simplesmente reproduzidos numa escala menor. Apenas seu tamanho os distingue dos adultos. (p.24)

Quando a pintura foi feita acreditava-se que crianças eram “adultos em miniatura”, como diz Ariès, e por isso, mostra que o ser criança não existia. Foi apenas no século XIX, que as crianças começaram a serem vistas, porém continuavam como “peça” da família. Nesse contexto algumas passagens deste texto cheguei a me assustar com tamanha repugnança da infância, como: os infanticídios que eram proibidos, mas eram guardados em segredo, ou também, o teatro de marionetes, que foram inspirados nessa ilusão da miniatura da criança, como também a questão das bonecas, que serviam para a moda.

Essas questões abrem espaço para pensar sobre os fatos históricos sobre a categoria infância, e com isso, é preciso dizer que os estudos sobre crianças não são novos, eles já haviam sido colocados pela História, Pedagogia e Psicologia. Mas é uma nova forma de ver a infância que vou me ater a partir desse momento.

O século XX foi o “século da criança” (...) A sociedade dá “a criança” e “os interesses da criança” um lugar de destaque na política e práticas de bem-estar, jurídica, médica e instituições de ensino. (James e Prout, 2005, p.01).

‘Emergent paradigm’. In this chapter we present it in precisely this light: an emerging and not yet completed approach to the study of childhood. Assim compartilho com James e Prout a primeira característica do paradigma da conjuntura da infância, que é colocar essa categoria como construção social. “In this chapter we present it in precisely this light: an emerging and not yet completed approach to the study of childhood.” (James & Prout, 2005, p.07).

Compartilho do novo paradigma de James e Prout, pois para estudar crianças é preciso estudar sobre elas, com elas, e principalmente a partir das crianças. Penso que é a partir do primeiro paradigma apresentado por eles, que isso pode ser feito, pois a infância é uma construção social, as crianças mudam em relação as suas culturas, mas elas são atores sociais, fazem parte da sociedade em que vivem, possuem papéis sociais e integram a comunidade.

Pensando sobre os novos estudos da infância, abro aqui um debate sobre autores que falavam da repercussão desses novos estudos. Pires (2008) compõe um quadro sobre as crianças definindo o ser pré-social e o ser social, no qual, vou me ater ao social.

Crianças sociais, ou sociológicas, foram divididas em: Crianças Socialmente Construídas, onde há uma pluralidade de forma de infância, defendida por Husserl e Heidegger. Crianças Socialmente Estruturadas, onde a infância é uma constante de todas as estruturas sociais, defendida por Qvortrup, que “acredita que a infância é uma parte integrante da sociedade e afeta o mundo social e econômico. Por exemplo, as crianças, mesmo quando não trabalham, também fazem parte da divisão social no trabalho, dado que é o seu estudo que permite aos pais trabalharem”. (PIRES, 2008, p.146). Criança tribal, que retrata o mundo infantil, através das brincadeiras, da escola, defendida por Iona e Opie, é uma versão politizada e prática da criança socialmente construída. Criança como grupo minoritário, há relações de poder entre adultos e crianças, sendo também uma versão politizada, mas da criança socialmente construída.

Essa definição apresentada por Pires (2008) abre um leque de correntes e procedimentos que um pesquisador sobre criança e infância pode enveredar, porém a contribuição de cada uma destas correntes me faz pensar como ocorre na minha pesquisa.

Estudar crianças evangélicas, que preguem ou não, me faz pensar na categoria da infância dentro de uma igreja, e por isso uso a Sociologia da Infância, que visa observar a instituição social, que possui as especificidades da geração criança de uma determinada cultura que é a da igreja Adventista. “Falar de *infância* significa, do ponto de vista sociológico (ou macrossocial), utilizar a categoria *geração* para compreender os fenômenos menos sociais; categoria que, tal como *classe*, *gênero* ou *escolaridade*, pode ser entendida como variável explicativa”. (BELLONI, 2009, p.1).

Mas ao mesmo tempo, penso e observo a finco, o crescimento, o aprendizado, a ação da criança na igreja, e assim penso e compartilho da Antropologia da Criança. “O significado de ser criança varia muito de um lugar para outro. Por isso, acredito que a infância é uma categoria que só está em vigor no espaço social em que é estabelecida, negociada, desestabilizada, reconstruída, e claro, legitimada.” (SOUSA, 2005, p.61)

É nessa perspectiva que tanto Pires (2008) como Sarmiento (2008) apresentam a ideia da teoria de William Corsaro e a “reprodução interpretativa”, que usa duas correntes: a estrutural, que observa as condições estruturais da infância, da categoria

geracional; e a corrente construtivista que propõe ênfase nas possibilidades de ação. Ou seja, é através da reprodução interpretativa que as crianças podem ter ação na estrutura da igreja. Segundo Sarmiento:

Corsaro contrapõe a tese da “reprodução interpretativa”, conceito que pode ser associado a “estruturação” de A. Giddens (1984), e que exprime a ideia de que as crianças, na sua interação com os adultos, recebem continuamente estímulos para a integração social, sob a forma de crenças, valores, conhecimentos, disposições e pautas de conduta, que, ao invés de serem passivamente incorporados em saberes, comportamentos e atitudes, são transformados, gerando juízos, interpretações e condutas infantis que contribuem para configuração e transformação das formas sociais. Deste modo, não são apenas os adultos que intervêm junto das crianças, mas as crianças também intervêm junto dos adultos. (SARMENTO, 2008, p.29)

Efetivamente, a teoria da Estruturação de Giddens, do qual iniciei esse capítulo me ajuda a pensar a teoria da “reprodução interpretativa” de Corsaro, nas questões ligadas a infância, e com isso pode-se pensar que, na estrutura social, todos os agentes são sociais, e por isso intervêm juntos na sociedade, não só os adultos, as crianças também tem agência, então compartilho da teoria de Giddens e Corsaro para pensar as crianças adventistas.

### **2.3. Agência Infantil**

É através da perspectiva de Giddens que penso sobre agência infantil. “Há uma ênfase em como as crianças enquanto agentes criam, interpretam, adquirem e recriam a cultura juntamente com os adultos e com outras crianças”. (PIRES, 2008, 142). Considero, portanto, que as crianças têm um papel dentro dessa sociedade dos adultos, elas podem até serem pensadas em independência, mas não são separadas, é do conjunto entre crianças e adultos que podemos ver as suas expressões, as suas vozes, é através do contexto que podemos falar que as crianças são agentes sociais.

O que mostra como a construção da vida social se modifica quando a criança é agente, essa modificação pode ser vista em setores e instituições sociais, como direitos específicos, ajuda de políticas públicas que tem como base o bem estar das crianças.

Nunes e Carvalho (2007) em “Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela Antropologia da Criança” nos mostra uma questão importante: “Será

que na ânsia de tornar a criança um agente social e de lhe reconhecer uma sociabilidade plena, nós, adultos, cientistas e cidadãos, estamos correndo o risco de as adultizar?”. (NUNES & CARVALHO, 2007, p.11)

Por isso, as crianças não tem agência só porque tem responsabilidades como os adultos, mas tem porque criam um universo partilhado da sociedade, porque assim como os adultos elas estão na sociedade.

Clarice Cohn em “Antropologia da Criança” (2005), nos mostra como é importante observar esse papel das crianças, como atores sociais. A autora explica desde a função de atuação de um papel fictício, até a atuação na sociedade atualizando seus espaços de socialização.

Acredito que a primeira atitude de um pesquisador sobre a infância é o reconhecimento de que eles são atores sociais, não sendo passivos, não os excluindo. É como expressa Nunes (2002), há originalidade na fala das crianças e quando se encontra crianças e adultos há troca de saberes também, e esse pressuposto deve ser um dos pontos de partida para uma pesquisa que envolva crianças.

Outro bom exemplo da atuação das crianças encontra-se no texto de Hirschfeld, em uma ideia que esse autor lança, com a questão do ambiente cultural.

Children's activities are explored to the extent that they contribute to adult outcomes; and importantly "ownership" of the means of cultural reproduction rest with adults. Socialization theory—the idea that adult dispositions are achieved largely through adult interventions in children's lives—thus obstructs the appreciation of the contribution children make to the acquisition of cultural sensibilities. (Hirschfeld, 2002, p.614).

O autor lança uma nova ideia, a questão de que as crianças possuem sua própria sociedade. Nesse ponto não partilho com ele, por que como já indaguei, as crianças podem ser independentes, ser agentes, mas não possuem uma sociedade, por que elas não podem ser separadas do contexto comunitário em que vivem. Elas possuem normas e regras próprias, mas não uma conduta que produz sociedade. As crianças fazem sentidos e interpretam sentidos. A grande questão é pensar que a criança pode produzir informações para além da infância.

Por isso, concordo com Cohn (2005) em relação a cultura infantil: “Falar de uma cultura infantil é um retrocesso em todo o esforço de fazer uma antropologia da criança: é universalizar, negando as particularidades socioculturais (...)” (p.36 e 37).

As crianças não são desvinculadas das suas famílias, e ao viver em comunhão em uma igreja, elas também fazem parte deste sistema, a igreja educa tanto quanto os pais. E assim, compartilho a ideia de família para pensar crianças, apresentada por Santos:

Entendemos dessa forma, que a família vai além das relações de consangüinidade entre os indivíduos e da unidade doméstica. (...) É na família que os diferentes papéis se encontram mutuamente articulados, sendo o lugar de construção da identidade do homem e da mulher. Dessa forma, sendo a família uma instituição que se funda na diferenciação dos papéis de seus membros, para que ela venha funcionar de forma articulada e complementar (...). A criança é essencial para compor o projeto de família desejável. (...) Da criança, espera-se obediência aos pais e que aprenda, sobretudo, os valores morais que estes lhe passam. (...) A educação é valorizada sobremaneira pela família. (SANTOS, 2011, p.25, 33 e 34)

Logo, que a criança pode até ser agente, ser estudada em independência, mas nunca separada da sua família ou de algum vínculo como a igreja, só é possível pensar em crianças adventistas, porque existe uma igreja Adventista.

#### **2.4. Criança e Religião**

Nessa seção, penso sobre a união criança e religião como base do que presenciei na pesquisa. Estudei uma dissertação que foi importante para que eu pudesse ver a soma: criança e religião, no texto de Christiane Falcão (2010) “Ele já nasceu feito: O lugar da criança no Candomblé”, que me permitiu abrir espaço para ver que as crianças do candomblé tem participação ativa, e foi isso que me impulsionou a ver a atividade das crianças evangélicas.

É a partir de então que passo a construir uma base teórica referente a esses dois conceitos que são de fato a minha pesquisa. Para tanto usarei nessa parte do capítulo textos que pensaram sobre criança e religião com Pires (1995, 2010 e 2011) e um trabalho teológico que fala sobre as crianças nas passagens bíblicas. Concordo com Pires em:

Chama atenção o uso, ainda pouco comum na antropologia, de estudos teológicos, o que tem sido feito no Brasil por Otávio Velho e alguns de seus alunos, como Marcelo Camuça, nos quais a teologia não é apenas objeto de pesquisa, mas possível parceria no entendimento de questões religiosas. (PIRES, 1995, p.489)

Ou seja, ao estudar crianças e a religião que elas são usuárias eu preciso mostrar também o lado teológico da igreja Adventista, e as contribuições da Teologia, para poder me aprofundar sociologicamente.

No livro “Uma Criança os Guiará” (2010) de Fassoni, Dias e Pereira; estes autores mostram uma ênfase nas crianças através de como a Teologia deve pensar a infância na Bíblia. “A presença da criança não pode passar despercebida, seja em nossas reflexões sociais e teológicas seja em nossas vivências familiares e comunitárias. Nossos olhares devem enxergar a criança como fonte de aprendizagem em um mundo esquecido de valores que ela ainda preserva”. (FASSONI, DIAS & PEREIRA, 2010, p.15).

Observar textos como esse sobre Teologia, mostra o quanto é importante observar por esse lado da “moeda”, o que se pesquisa, pois a igreja e a Teologia tenta colocar a criança como foco também de estudos, e de como evangelizar. “A Teologia da missão integral, que é uma tentativa de retorno ao evangelho integral (todo o evangelho para todo ser humano), não será integral se não considerar o lugar da criança nas Escrituras e em especial no ministério de Jesus”. (FASSONI, DIAS & PEREIRA, 2010, p.17).

Esses autores mostram a importância das crianças na Bíblia, desde o Antigo Testamento ao Novo, incentivando que é a partir das crianças que se pode guiar uma doutrina e prolonga-la. É dito em várias igrejas das quais passei, e principalmente dessa que faço meu trabalho. “As crianças são o futuro da igreja” e observando esse texto, pode-se constatar segundo esses autores que “As crianças são igreja”, e é através delas que a igreja será guiada. Assim como exemplo de crianças nas passagens bíblicas, que guiaram os homens:

*Benjamim* (Gn 44, 45) foi o garoto por meio de quem veio a reconciliação entre José e seus irmãos. *Moisés* (Êx 1) foi salvo pelo olhar atento da sua irmã, Miriã. O ponto mais importante do livro de Rute é o nascimento de um bebê, Obede, um dos ascendentes de Jesus. Deus usou uma criança serva para curar Naamã, o comandante



do exército (2Rs 5). *Samuel* (1Sm 3) foi a criança por meio de quem Deus mostrou sua vontade quando os adultos falharam. Ele é um modelo de vida espiritual e obediência. (FASSONI, DIAS & PEREIRA, 2010, p.25).

Estes são alguns exemplos mostrados por esse livro, da importância da agência infantil, as crianças movimentaram os acontecimentos que a Bíblia retrata, sendo assim, as crianças e a infância possuíam grande importância na vida social do Antigo Testamento. No Novo Testamento, é mostradas passagens também de como Jesus viveu com crianças:

Jesus encontra várias crianças durante a vida. Por exemplo: a filha da mulher cananeia (Mt 15; Mc 7), o jovem endemoninhado (Mt 17; Mc 9; Lc 9), o filho do oficial em Cafarnaum (Jo 7), a filha de Jairo (Mt 9; Mc 5; Lc 8), o filho da viúva em Naim (Lc 7), e o garotinho que ofereceu a ele cinco pães e dois peixes (Jo 6). As crianças são muito especiais para Jesus e elas são trazidas a ele. Assim como a adoração e os rituais do Antigo Testamento, seu método preferido de ensino — por meio de histórias e sinais — é igualmente acessível para crianças e adultos. (FASSONI, DIAS & PEREIRA, 2010, p.29).

Acredito que trazer essa discussão teológica me faz ver como acontece de fato a evangelização na Igreja Adventista. Nessa última passagem, os autores do livro “Uma Criança os guiará”, mostraram que o método preferido de Jesus era contar histórias, e o método da igreja na evangelização infantil são as histórias. As histórias precisam ser contadas e ao mesmo tempo elas são materializadas. Nelas os professores procuram mostrar através da encenação, para facilitar o entendimento das crianças, exemplos de como acontece com elas no seu cotidiano, no dia a dia da sua família, e essa materialização vem através de imagens, de cenários onde as crianças também se tornam personagens deste ambiente.

Trabalhar com o conceito de criança em Sociologia, e principalmente com crianças e religião, abre-se um debate sobre como a religiosidade é construída. “Compreender a religiosidade infantil pode levar-nos a melhor compreender a religiosidade nos moldes adultos”. (PIRES, 2011, p.23). Assim como as crianças frequentam a Escola Sabatina, todos os sábados pela manhã, os pais, adultos, jovens e adolescentes também estão na Escola Sabatina, às lições são diferentes, mas elas estão se evangelizando todos os dias, assim como as crianças. “Digo que as relações sociais

que se estabelecem no seio da família são como o mundo da criança e, por isso, parecem determinar as outras áreas da vida social infantil. Ao mesmo tempo em que aprende a ser filho, a criança aprende a ser uma pessoa que ama Deus”. (PIRES, 2011, p.163).

No texto “A prova religiosa das crianças e crianças: Quais são os desafios para a antropologia?”. (2012) de Campigotto, Razy, Suremain e Huber; observei a importância do texto desses autores que uniram a antropologia da religião com a antropologia da infância. “O encontro entre estas diferentes esferas da pesquisa resultou recentemente a eventos e iniciativas importantes, incluindo o Colóquio de Copenhague sobre Crianças e Religião (2011) e da Criação da Unidade de Pesquisa e estudos da Infância e Religião, do grupo da Academia Americana de Religião. Agora resta ser feito em antropologia é desenvolver e coordenar as diversas abordagens”. (CAMPIGOTTO, 2012, p. 06, tradução minha).

Com isso estes autores ainda abordam que estudiosos da Antropologia e Sociologia já mencionavam as crianças sobre representações e práticas religiosas como em Malinowski (1927), Durkheim (1912), Mead (1928). Só que estes estudos não focavam na criança, na observação específica da infância, eles retratavam a comunidade estudada e a criança como um elemento a mais, diferentemente de hoje. Porém, é importante observar que religião e crianças já eram mencionadas juntas.

Uma abordagem interessante desse texto é a questão “Crianças na antropologia da religião versus o religioso na antropologia das crianças?”. Acredito que são crianças na antropologia da religião, criança como o sujeito que tem contribuições para a religião, que transforma e atualiza a Teologia em que vivem. “Questões antropológicas sobre religião não se perderam abrindo espaço para as crianças, desde o menor até o maior deles. Estes são de fato sujeitos privilegiados de sistemas religiosos, tanto em termos de discurso e prática.” (CAMPIGOTTO, 2012, p.02, tradução minha). Ou seja, elas demonstram através de suas atividades dentro da igreja uma espécie de termômetro do sistema religioso que se enquadram. Portanto, concordo quando falam:

As crianças são consideradas aqui agentes do processo de aprendizagem religiosa, que é modulada de acordo com o que significa que dar (Héroult, 2007). Esta abordagem poderá ser articulada com reflexões iniciadas por Jean Pouillon (1993), combinado e complementado por Roberta Hamayon (2005), em torno do verbo "crer" e conotações ambíguas, por vezes, pejorativo, atribuído no Ocidente no final da "crença". Contrariamente ao que ele tem sido considerado como prova, as crianças constroem, partes e

transmitir crenças e representações que fazem sentido e são baseados praticar mais ou menos coletiva (ou individualizado) (CAMPIGOTTO, 2012, p.04, tradução minha).

Nesse texto, é perceptível a forma como a antropologia da infância também tomou formas diferentes de observar a criança, como a antropologia da infância francesa que se difere da antropologia anglo-saxônica. Na francesa acredita-se numa cultura infantil, e na inglesa há a interpretação do ambiente social que existe, com o conceito de agência. Por isso, no texto acima referido, não concordo quando os autores interpretam a afirmação de Corsaro da “reprodução interpretativa”, como “mundos sociais e cultura própria da apropriação de elementos religiosos estabelecidos” (CAMPIGOTTO, 2012, p.08, tradução minha).

Por isso, um conceito importante de ser lembrado é a autonomia, ou mesmo, cultura infantil. Hirschfeld compartilha do conceito de cultura infantil, fala sobre o conceito de ambiente cultural com as crianças:

Accordingly, if it is assumed that adults create the cultural worlds into which children are inducted and that adults largely control the processes by which this happens, then attention to the adult world seems fitting. However, if the goal is to understand how children contribute to making culture, a more appropriate focus would be the arena in which children do most of their culture making: namely, in their lives with other children, what is sometimes called "children's culture." (Hirschfeld, 2002, p.614).

Assim, ele mostra este conceito de autonomia. O autor lança uma nova ideia, a questão de que as crianças possuem sua própria sociedade, nesse ponto não concordo com ele. Como já indaguei, as crianças podem ser independentes, ser agentes, mas não possuem uma sociedade, porque elas não podem ser separadas do contexto comunitário em que vivem. As crianças fazem sentidos e estão interpretando sentidos.

Outros sociólogos e antropólogos da criança também afirmam a cultura infantil, tal como Sarmiento diz:

As culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (2002, p.04).

De acordo com a praticante da igreja ela vê que as crianças não tem autonomia:

*Eles têm autonomia em pensar, só que para falar e ser ouvido, os mais velhos não permitem, eu quando fui professora dos Desbravadores eu tentava. Eu tentava ter essa relação com eles para ouvir, mas para tentar ver se estava certo e tentar educar no caminho certo. O que os adultos eles não permitem isso, se ele tem um pensamento diferente ele corta pela raiz, o que torna revoltante, para um deles que são mais independentes, que se revoltam e saem da igreja, já outros que são maleáveis, que você corta pela raiz e você vai construindo de outra forma pelos mais velhos, que eles ficam com a mesma educação, mas a minha preocupação sempre foi os independentes revoltados. Tem alguns deles educação diferente em casa e na escola, e quando chega na igreja você tem que moldar isso, porque já chega formado e para contornar isso é complicado, alguns deles não permitem. Eu tento ter essa relação com eles, porque a gente cresce ouvindo as crianças são o futuro da igreja e é porque se não existe criança não existe futuro. E é porque os velhos vão morrer e não vão perpetuar a nossa igreja. E nosso principal debate fugindo das crianças é o que é a igreja hoje. (Entrevista realizada em 09 de abril, com Marina, fiel adventista).*

Autonomia elas não tem, porque autonomia pode ser um sinônimo de independência, as crianças não são independentes, elas não produzem uma cultura infantil, como podemos ver na entrevista da praticante da igreja em questão. No entanto, elas falam, interrogam na igreja e na sala que fazem parte, o diferente é que elas não formam uma cultura a parte, elas vivem nessa cultura reproduzindo e interrogando ao mesmo tempo.

Exemplo de Alice que diz que a lição não está certa ao professor, ou quando Sara pergunta: “e três reais paga uma Bíblia”, forçando o professor a reconstruir sua fala, o desconcertando, (mais a frente no capítulo III trataremos com mais detalhes desses dois episódios). Por isso uso o conceito de agência e não o de autonomia, pois as crianças são integradas à sociedade, assim como os adultos também, não há sociedade sem criança, não há sociedade sem adulto.

Elas possuem agência, interrogam, transformam com o seu poder de fala, mas ao mesmo tempo, reproduzem interpretando a cultura e a sociedade em que elas fazem parte.

## 2.5. Socialização através da imitação

No contexto observado na igreja pensando na ideia das crianças que pregam, observei que a socialização<sup>14</sup> ajudou a pensar sobre os possíveis pastores mirins, mesmo não analisando os pastores mirins na pesquisa de campo, abro um espaço para pensar sobre como a socialização ajuda a pensar essas crianças, não só as que pregam, mas todas as crianças, sendo também um conceito importante para pensar sobre futuros trabalhos. Abro espaço nesse capítulo para dialogar com as teorias de Socialização, do quais, na primeira parte serão observados os estudos de Durkheim, seguido por Simmel.

## 2.6. Durkheim e Simmel um debate sobre socialização

Os primeiros estudos sobre socialização na Sociologia podem ser verificados em Durkheim no livro “Educação e Sociologia” em 1955, a teoria durkheimiana, de fato social e coerção é estudada na academia, e a questão da educação também é discutida através do princípio da coerção social.

Para o autor é uma ilusão dizer que podemos educar nossos filhos do jeito que queremos, e por isso somos moldados a educar e passar a educação de acordo com as normas e regras da moral da sociedade. Porém, cada sociedade tem um sistema adequado de educação, pensando de acordo com a pesquisa, a religião também tem seu sistema de educar, e os pais e professores educam as crianças de acordo com a doutrina e as crenças Adventistas. “Há, pois, a cada momento, um tipo regulador de educação do qual não nos podemos separar sem vivas resistências, e que restringem as veleidades dos dissidentes”. (DURKHEIM, 1955, p.04)

Essa visão de que a educação faz parte dessa coerção social, não convém pensar assim em relação à questão da agência infantil, porque nessa visão não há a atuação das crianças, apenas a reprodução. Segundo o que foi visto na sala dos Primários esse princípio não ocorre, as crianças reproduzem, mas interpretam a sua realidade, elas transformam e produzem efeito no seu ambiente social, mesmo que exista uma coerção da estrutura sobre os agentes, há sim, formas de interpretar e modificar com pequenos atos essa estrutura. Diferente das palavras de Durkheim:

---

<sup>14</sup> Uso o conceito de socialização e não de sociabilidade, porque na observação meu foco ficou direcionado à socialização, mesmo observando em certos momentos que a igreja, às vezes, se configura como espaço lúdico, no entanto, a análise dessa dissertação tem como foco a socialização.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine. Conclui-se que a educação consiste numa socialização metódica das novas gerações. (1955, p.08)

Pensando em relação à visão durkheimiana e o conceito de socialização, dialogo com autores sobre a temática, como Simmel, James e Prout, Nunes. Considerando a Teoria Sociológica, Simmel aborda o conceito de socialização numa dimensão mais microsociológica. Para ele, a sociedade é o “médium” e o “resultado” do indivíduo, a conexão entre os dois, realizando-se na e para interação que é o vínculo da associação (porque a função da síntese social- forma nas consciências dos indivíduos) e da socialização (porque é agindo uns com os outros que os indivíduos produzem a sociedade).

Ou seja, diferente da teoria durkheimiana, a teoria simmeliana, crê que o indivíduo “entra em ação” sem ser coagido a todo o tempo, e é na interação da associação e da socialização que resulta a sociedade.

Analizando essa teoria e a igreja, pode-se pensar que a associação religiosa forma um modo de socialização, que deixa o indivíduo se integrar. Outro conceito importante desse autor é a sociação que seria uma unidade, da qual a unidade religiosa tem sociação. “A sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base das sociedades humanas”. (FILHO, 1983, p.169)

Ajudando nessa reflexão sobre socialização, James e Prout dizem que:

We know also that whatever its historical mutability, there is always a relationship between conceptual thought, social action and the process of category construction and, therefore, definitions of childhood must to some extent be dependent upon the society from which they emerge. (2005, p.34)

O propósito deste trabalho é analisar a socialização do ponto de vista da religião, e trazer uma visão crítica sobre esse conceito, pois a socialização realizada na igreja leva as crianças a se tornarem o futuro da igreja. Mas a própria igreja já passou por mudanças, hoje existem os Adventistas mais velhos ou conservadores, os liberais e as crianças, ou seja, cada um traz uma nova visão para a realidade religiosa.

Por sua vez as tecnologias e os avanços tecnológicos também mudam então o conceito de socialização, que deve ser pensado como aquele que prolonga uma unidade social, que faz associações das pessoas, mas que também passa por mudanças constantes, e que assim também suas regras mudam. Pretendo aqui, trazer um novo viés para o conceito de socialização, por isso, não pretendo deixar de usá-lo. Confesso que tive resistência em utilizá-lo, mas com as observações da pesquisa é possível ver que a socialização existe, e que não é aquela forma social que Durkheim abordou, sendo, portanto uma socialização que segue as “regras” da estrutura, tendo interpretações dos agentes.

As disciplinas de Psicologia e Pedagogia são antigas usuárias do conceito de socialização. Observando a socialização pela esfera sociológica e desaguando na Sociologia da Infância é possível perceber algumas questões que ajudam a pensar esse processo, a socialização não apenas como um depósito para as crianças, onde estas não podem se expressar e mostrar as suas interpretações. A Sociologia da Infância pretende mostrar esse processo como algo que precisa ser pensado, para poder dar espaço à agência da criança.

As crianças no processo de socialização foram vistas por muito tempo pela Sociologia e Antropologia, como um recipiente, aonde iria sendo depositadas maneiras de ser e pensar. No entanto, isso só ocorreria em um ambiente parado, que não houvesse mudança, esse processo, contudo, não ocorre em nenhuma sociedade estudada pelos sociólogos e antropólogos. “As crianças têm algo original a dizer, socializam-se ao longo de uma relação dialógica com o mundo à sua volta de tal modo que, justificadamente, sua vivência, representações e modos próprios de ação e expressão devem construir objetos da pesquisa social.” (Nunes, 2002, p.22). As crianças são protagonistas de transformações.

Para pensar sobre a socialização das crianças proponho discutir também sobre a questão do corpo e a socialização dele, através de Mauss em “As técnicas do corpo” (2008).

## 2.7. Mauss a questão do corpo na inserção da socialização

Pensar Mauss na perspectiva que pretendo abordar aqui é a maneira que as pessoas se expressam através do corpo que foi se socializando, ele passou a produzir um costume que vem sendo reproduzido. Segundo Mauss:

Eu digo *as* técnicas do corpo, porque se pode fazer a teoria *da* técnica do corpo a partir de um estudo, de uma exposição, de uma descrição pura e simples *das* técnicas do corpo. Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo. Em todo caso, convém proceder do concreto ao abstrato, não inversamente. (...) Toda técnica propriamente dita tem sua forma. Mas o mesmo vale para toda atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios. (MAUSS, 2008, p.402 e 403)

Prossegue afirmando como se constitui essas técnicas:

Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. Peco-vos então a permissão de considerar que adotais minhas definições. Mas qual é a diferença entre o ato tradicional eficaz da religião, o ato tradicional, eficaz, simbólico, jurídico, os atos da vida em comum, os atos morais, de um lado, e o ato tradicional das técnicas. (...) Além disso, todas essas técnicas se ordenam muito facilmente num sistema que nos é comum: a noção fundamental dos psicólogos, sobretudo Rivers e Head, da vida simbólica do espírito, noção que temos da atividade da consciência como sendo, antes de tudo, um sistema de montagens simbólicas. (MAUSS, 2008, p.408)

Por isso a educação faz parte dessa forma de transformar o corpo em maneira de se socializar, pois como diz o autor cada sociedade tem seus hábitos e técnicas corporais.



A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação, de modo que podemos compreender a seqüência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. **O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social.** (MAUSS, 2008, p.405, grifos meus).

Ao pensar a infância na sociedade de adultos, com o exemplo dado por Mauss, de que crianças e adultos imitam atos bem sucedidos, podemos usar o exemplo de Fernandes que nos ajuda pensando na ideia de imitação. “As crianças abstraem de modo genérico A, B ou C para falar de pai, mãe, bailarina, então há uma imitação dessas representações sociais, na função social”. (Fernandes, 2004, p. 249)

A imitação é relativa à representação social que a figura de um adulto representa; exemplo disso pode ser observado pelos estudos sobre pastores mirins, que imitam a figura da função social do pastor; as crianças os imitam, não de forma específica, mas de forma geral, o genérico predomina. Ao pregar elas representam nas suas desenvolturas uma espécie de “imitação” de um pastor, porém elas não apenas imitam, mas “reproduzem interpretando” (Corsaro, 2005).

Portanto, a nota de Mauss acima se faz de suma importância, o indivíduo imitador vê todo o processo social, e pensar com Corsaro em reprodução interpretativa, nos mostra a importância de pensar a evangelização e a crianças pastora através disso. Elas imitam, reproduzem os adultos; o pastor a reproduz, através da socialização entre pares, mas elas interpretam, modificam com porquês, se colocam, por isso interpretam. Então para as crianças a imitação da representação social faz parte da sua socialização, o que as permite também desenvolver sua agência social.

Logo, pensar Mauss é pensar na prática da imitação que vem através do hábito diário, para isso ele diz:

Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do "*fiabitus*". Observem que digo em bom latim, compreendido na França, "*habitus*". A palavra exprime, infinitamente melhor que "hábito", a "*exis*" [hexis], o "adquirido" e a "faculdade" de Aristóteles (que era um psicólogo). Ela não designa os hábitos metafísicos, a "memória" misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses "hábitos" variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição. (...) Essas técnicas são, portanto as normas humanas do adestramento humano. (MAUSS, 2008, p.404 e 411)

É através dessa memória misteriosa que nos comportamos no lugar em que estamos de determinada maneira, usando os papéis como elemento de habitar na sociedade, só conseguimos nos reproduzir como seres sociais, porque nos formamos em determinado sistema de técnicas que nos condiciona a vivermos em certas representações. "É graças à sociedade que há uma intervenção da consciência. (...) É graças à sociedade que há segurança e presteza nos movimentos, domínio do consciente sobre a emoção e o inconsciente". (MAUSS, 2008, p.421)

A igreja evangélica faz parte da construção da vida social e religiosa das famílias, segundo Pires (2010): "o ato de ir à igreja implica, em grande medida, o aprendizado de um conjunto de ensinamentos teológicos daquela fé em particular." (p.152) Nesse processo de ensinamentos, ela constrói uma rede de sociabilidades dos crentes, é na igreja que as pessoas aprendem o que é religião, mas também, se estruturam os laços de amizade, aflora o sentimento de pertença. É na igreja onde produz a regularidade de cultos, como exemplo, o culto infantil; a revitalização dos símbolos. Enfim, é um lugar de socialização constante tanto para crianças, como para adultos.

Onde realizei a primeira parte do trabalho de campo na Assembleia de Deus, os pastores mirins repetem que se sentem felizes por "ter a oportunidade" de pregar em público. Quando pregam elas alcançam um patamar de prestígio dentro da sua comunidade. Esse elemento é chave para pensar uma Sociologia da Infância e uma Antropologia da Criança, pois, ao pregar elas representam nas suas desenvolturas uma espécie de "imitação" de um pastor, porém elas não apenas imitam, mas "reproduzem interpretando" (Corsaro, 2005). Como afirma o mesmo autor: "As crianças não imitam

ou internalizam simplesmente o mundo que as cercam. Elas se esforçam para interpretar ou compreender sua cultura e para participar dela. Buscando compreender o mundo dos adultos, as crianças vêm a produzir seus próprios mundos e culturas de pares”. (p.24)

Schildkrout em “Idade e sexo na sociedade Hausa” (2002), mostra exemplos da socialização que é agregada naquela sociedade. Onde há uma espécie de direitos sobre os serviços das crianças prestados a comunidade. “Os direitos sobre serviços para crianças pertence a seus pais e ou responsáveis, mas todos os outros parentes (...). Mesmo pessoas de fora pediam às crianças para fazer recados, no entanto, ainda quando não há relação com a criança, o adulto vai recompensar a criança com um presente (lada) de uma pequena quantidade de dinheiro”. (Schildkrout, 2002, p.357, tradução minha).

Desta forma é possível observar que a obediência das crianças é construída através de uma troca, a criança só faz algo se for recompensada, como agente social ela possui esse poder de troca. Podendo ser observada como uma condição social que se faz presente na sociedade dos adultos.

Margaret Mead em “Crescendo em Nova Guiné” (1930) e em “Uma investigação do pensamento primitivo de crianças” (1932), estudou as crianças de Manus e nos dá exemplos de como ocorre essa socialização. “Dentro de um ambiente social que aprendi a conhecer intimamente o suficiente para não ofender as centenas de nomes tabus, eu assisti o bebê Manus, a Manus criança, o adolescente Manus, em uma tentativa de compreender o modo pelo qual cada um deles se tornava um Adulto Manus”. (Mead, 1930, p.12, tradução minha). Ela observou as diferentes fases das gerações e com isso, analisou como o processo de socialização ocorre com todos.

A socialização em Manus para o trabalho da pesca inicia desde a criança de colo, os modos como elas devem usar o corpo, os olhos, a música para fazer esse trabalho, é nesse período que o bebê aprende fisicamente como sobreviver nessa comunidade. Prosseguindo sobre exemplo de Mead em Manus:

And Mentun would have to exercise the greatest circumspection for months if she were not to be blamed for every disappearance of property in the years to come. I never ceased to wonder at the children who, after picking up pieces of coveted paper off the veranda or the islet near our house, always brought them to me with the question (Mead, 1930, p.54).

Ou seja, o processo de socialização ocorre em confluência de sentimentos dos pais e filhos, como afirma Mead, quando diz que a vergonha e embaraço não ocorre só com os filhos, mas com os pais também, pelo processo de emoções, que vem através da obediência. É um misto de sentimentos gerados por pais e crianças, que se entrelaçam e se socializam, criando uma sociedade de crianças e adultos.

No entanto, é preciso entender o conceito de socialização de modo que não se retire a agência das crianças no processo de seu crescimento. Com isso, compartilho com Pires (2010) nas seguintes sentenças: “1) não há uma idade única para o aprendizado cultural: não apenas as crianças aprendem, mas os adultos não cessam de aprender; 2) as crianças aprendem tanto quanto ensinam, dos/aos seus pares e dos/aos adultos 3) aprendizagem não se faz apenas por via consciente e racional, mas também através de outras maneiras de conhecer e aprender.” (2010, p. 148) Ou seja, ao mesmo tempo que estas crianças reproduzem o culto imitando um adulto, elas também aprendem e ensinam ao seu modo, tanto para as outras crianças, quanto para os adultos.

Sobre a ideia de imitação, um autor pouco divulgado na Sociologia, que retrata esse conceito é Gabriel Tarde, sociólogo da microssociologia, contemporâneo de Durkheim.

A microssociologia de Tarde sublinha a analogia da constituição dos fenômenos sociais com a causa dos fenômenos físicos, químicos e biológicos; porém, segundo Vargas, dissolve a objetividade durkheimiana explicativa da função da relação indivíduo e sociedade, que designa a "naturalização dos vínculos sociais" da coletividade e do individualismo. Para Tarde, "os indivíduos são compostos como os átomos são um turbilhão, 'alguma coisa de infinitamente complicado'". (RIBEIRO apud TARDE, 2000, p.03).

Tarde constrói uma Sociologia na regularidade das repetições universais que se encontram nas relações sociais, para ele, as semelhanças são devidas a essas repetições, por isso a ideia de imitação. Para o autor, a sociedade é "uma coleção de seres com tendência a se imitarem entre si, ou que, sem se imitarem, atualmente, se parecem, e suas qualidades comuns são cópias antigas de um mesmo modelo" (Ribeiro apud Tarde, 2000, p.01). Por isso que trago a ideia dele, pois as crianças ao imitarem seja a tia, ou o pastor, elas imitam as pessoas que estão no seu convívio social, imitam as qualidades, todas as pessoas se imitam.

Ribeiro continua, trazendo o que Tarde acreditava ser a imitação: “são fruto direto da imitação sob todas as formas, imitação-costume ou imitação-moda, imitação-simpatia, imitação-obediência, imitação-instrução, imitação-educação, imitação-espontânea ou imitação-refletida” (Ribeiro apud Tarde, 2000 p.2). No caso a socialização da igreja ocorre pela imitação-religiosa, imitação-educação, imitação-costume.

A imitação aparece como elemento fundamental para se compreender os pastores mirins e a própria evangelização infantil, porém, a imitação é relativa a representação social que a figura do pastor revela para a criança. Para ela, o pastor é uma figura influente. Contudo, as crianças reconfiguram esse modo de ser “pastor mirim”, elas se colocam e traduzem uma forma de exercer a evangelização infantil. Como afirma Florestan Fernandes (2004, p.249) as crianças abstraem de modo genérico os sujeitos A, B ou C para falar de pai, mãe, pastor, ou seja, de funções sociais, realizando uma imitação dessas representações sociais, da função social de pastor, mãe ou pai. Assim sendo, para as crianças a imitação da representação social não implica copiar o pastor da igreja, mas uma construção própria a partir de seu entendimento do que seja um pastor, entendimento construído no contato com outros pastores, meios de comunicação, família e escola e também, com as outras crianças. (Diniz & Pires, 2012)

Estas crianças que pregam, estudam e interpretam a Bíblia ao seu modo, explicam e chamam a atenção dos adultos e das crianças em pontos importantes de passagens bíblicas podem ser estudadas a partir do conceito de agência infantil, amplamente discutido por Allison James (2005), na medida em que modificam seu meio social e religioso. Cohn (2005) afirma:

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um ‘adulto em miniatura’, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações. (2005, p.28).

Para concluir, as crianças não apenas reproduzem os adultos, mas ao imitar elas produzem novos olhares, construindo-se como agentes.

A ideia de fundo é a da co-responsabilização no processo de socialização, onde cada criança participa de seu grupo na posição de

ser guiada por quem é mais velho e mais experiente, assim como deve responder pela condução de quem é menor e menos experiente. As crianças que crescem em um contexto assim estruturado desde muito cedo demonstram esse sentido de cuidado e responsabilização para com os menores, assim como se apoiam na ação e presença dos maiores para realizar o que desejam. (GOMES, 2008, p.86)

Socializar-se então na igreja, não é só nos momentos que as crianças estão junto dos pais, nem só quando recebem instruções da Escola Sabatina, se socializar é estar junto seja criança ou adulto, é aprender e ensinar, é conviver com os pais, receber a doutrina da igreja, é reproduzir, mas, sobretudo interpretar essa reprodução. É viver na rede de significados apontado por Geertz (2008), é internalizar esses significados através do corpo.

Em suma, esse conceito de socialização se equivale a evangelização, sendo isso o que observei de fato na minha pesquisa de campo. Desses conceitos chaves procurei delinear a evangelização infantil, que busca construir os passos de uma criança se tornar pastora, que se passa na instituição da igreja Adventista.

Portanto encerro esse capítulo teórico onde me propus a conversar com os autores que falam sobre agência e estrutura como Giddens, assim como dialoguei com pensadores que observaram a agência infantil na Sociologia da Infância e na Antropologia da Criança, passando pela ideia que a maioria dos estudos sociológicos sobre criança aponta que o conceito de socialização está agregado a ideia de imitação.

### CAPÍTULO III- EVANGELIZAÇÃO INFANTIL

Depois de leituras e informações de vídeos na internet, eu não conseguia chegar perto das crianças, e eu me perguntava: como vou pesquisar crianças se nem consigo abordá-las? Havia uma barreira entre os adultos, os pais e as instituições que eu pretendia estudar, até porque envolta das crianças há o contexto da família, e dos próprios adultos da igreja.

Proponho-me, então, a descrever, compreender e analisar o que encontrei na igreja Adventista<sup>15</sup>, e mais especificadamente, o período da minha estadia na sala dos Primários.

Cheguei à igreja com várias dúvidas. Será que essas crianças têm agência? Elas interferem no ambiente em que vivem? Como ocorre o processo de socialização? Posso pensar em uma reprodução interpretativa? Elas vão falar comigo? Alguma vai pregar? Entre esse universo de dúvidas acredito que a melhor forma de respondê-las seria descrever o que vi e o que vivi nesses três meses de pesquisa na igreja Adventista dos Bancários e a Escola Sabatina, observando a rede de significados que é tecida por essa igreja.

Ao lembrar-me do conceito de significados através de sistema, penso em Geertz (2008), em “A religião como sistema cultural”, por está observando uma religião, penso que o autor contribui em sua teoria, onde “a religião funciona como sistema cultural, denotando padrões de significados transmitidos historicamente, através de símbolos. Dos quais, esses símbolos funcionam como a sintetização do ethos de um povo”, isso pode ser observado na pesquisa através das singularidades que a igreja Adventista demonstra, e a condensação do ethos dessa religião.

---

<sup>15</sup> Afirmando que minha pesquisa se realizou apenas dentro da igreja Adventista, pois não conseguia abordar, ou acompanhar nenhuma das crianças fora da igreja, não houve essa abertura. Foi impossível devido ao medo dos pais, pois dentro da igreja há uma espécie de “controle” sobre mim, uma vigilância dos pais, dos pastores e dos professores da igreja. Até mesmo quando tentava perguntar como se realizava o culto das crianças em casa, eles tinham certo afastamento, não querendo comentar sobre as atividades realizadas em casa.

### 3.1. Igreja Adventista sua história e sua formação no bairro estudado

A igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) é uma denominação cristã protestante que tem como dia principal o sábado, e tem como peculiaridade, a segunda vinda de Cristo, para os praticantes, Jesus em suas pregações afirmou que voltaria para buscar os que o seguissem, esta igreja por sua vez, acredita que essa vinda será na Terra, e não em outro lugar, como por exemplo o Céu, e por isso eles esperam por essa volta.

Surgiu em 1863 do Movimento Milerita nos Estados Unidos, seus pioneiros foram o casal James e Ellen White, um dos colaboradores para o nascimento e crescimento da IASD foi J.N. Andrews, teólogo que fez trabalhos para a igreja na consolidação da doutrina adventista.

A teologia da igreja se constitui pela crença na trindade; na infabilidade bíblica; justificação pela fé; salvação pela graça; nascimento virginal de Jesus, seu sacrifício na cruz, ressurreição e ascensão.

Retorno a teoria de Geertz (2008) e penso sobre a teologia da igreja, compartilho com ele na questão de que, “o estudo antropológico da religião opera como uma análise do sistema de significados incorporados nos símbolos; e também pelo relacionamento desses sistemas nos processos estruturais e psicológicos do indivíduo”. Ou seja, quando se fomenta uma teologia, o sistema de significados é passado através dos símbolos, os fiéis seguem esses símbolos como base de sua fé.

Além de acreditar na segunda vinda de Cristo, segundo uma praticante da igreja disse:

*É a profecia que ele morreu na cruz e ele vai voltar e buscar seus filhos, porque teve a primeira falsa volta e acreditavam que era aquela data, acho que em 44, mas não foi, só ele quem sabe. Quando você morre fica lá enterrado, na Bíblia fala que todos os olhos o verão e todos os ouvidos os ouviram, só os salvos subiram aos céus, e os não salvos ficaram na Terra com Satanás 100 anos até o dia do Juízo Final. **E quem é salvo?** Ai só Deus sabe que está no livro da Vida. (Entrevista com Marina, 24 anos, adventista que me convidou a conhecer a igreja, encontro realizado em 09 de abril de 2013).*



Ou seja, a segunda vinda é doutrina básica da igreja, e nesse pressuposto, eles também acreditam na correlação do estado de inconsciência dos mortos, no qual Jesus volte e os mortos irão ficar enterrados e inconscientes, e só se acordaram na sua chegada, alguns indo para o céu outros esperando o julgamento final. Outra base da igreja, o juízo investigativo, onde Deus escreve a história de cada um, e irá julgar a vida de cada pessoa.

Outro ponto peculiar dessa igreja é a alimentação salutar e a mensagem de saúde. Pregam o vegetarianismo, leis da saúde em Levíticos: 11 (Bíblia); com a abstinência de carne de porco, frutos do mar e carnes impuras, não ao álcool, tabacos e drogas. Porém nem todos os adventistas são vegetarianos, e essa peculiaridade também não é obrigatória da instituição.

No Brasil, a Indústria Adventista de Produtos Naturais (Superbom) é administrada pela igreja Adventista.

*Eu sou adepta de uma alimentação mais natural, e de um ano para cá. Já faz seis anos que eu vou tirando, alimentação na igreja infelizmente não é uma coisa que todos seguem. A igreja ensina o que é melhor, mas não há um controle, se você num for vegetariano, você não pode ser adventista, não é uma regra, como outros princípios da igreja que são basilares, como a guarda no sábado, a outras doutrinas da igreja. No meu caso foi aquilo, nos primeiros anos evitei carne vermelha, café, refrigerante, mas depois de um ano eu comi carne vermelha, mas de uns cinco anos para cá eu evitei. Agora vegetariano mesmo só há um ano. Agora não somos 100% porque se formos à casa de parentes, familiares à gente come. Agora em casa nós somos vegetarianos e observamos a falta de doença total, enxaqueca, dores, prisão de ventre. **Eu sinto assim que a longevidade não tem haver só com a alimentação, mas com o estilo de vida todo.** A pessoa que confia em Deus é mais tranquila, mas resguardada. A parte espiritual, física e mental, então é um todo não é só a alimentação. Acaba que você tem um benefício completo por ser adventista. O benefício físico está garantido, e o espiritual completo. (Entrevista com Daniela, 31 anos, professora dos Primários, em 27 de abril de 2013, grifos meus).*

Essa cultura adventista de cuidar da saúde foi alvo de pesquisas e de estudos. A National Institutes of Health disse que os adventistas que vivem na Califórnia passam de quatro a dez anos de perspectiva de vida a mais do que um californiano médio. Em novembro de dois mil e cinco, o canal National Geographic afirmou que os adventistas vivem mais tempo porque não fumam, não bebem, tem o descanso semanal e mantém uma alimentação vegetariana.

A igreja Adventista é a oitava maior organização internacional de cristãos do planeta. No Brasil é a décima religião mais representativa, de acordo com a CPS/FGV (2009) a partir de microdados do Censo 2000.

As igrejas são regidas por uma Conferência Geral, com pequenas regiões administrada por Divisões, Uniões, Associações e Missões Locais. A igreja age por meio de escolas, universidades, hospitais, clínicas médicas móveis, programas, canais de televisão, abrigos, orfanatos. Há também a Agência Adventista do Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA) que é uma organização de ajuda humanitária.

Não há ordenação de mulheres, somente na China é que há adventistas pastoras, porém a vice-presidente na Conferência Geral é mulher. A igreja também é dividida pelo lado conservador representado pelos Adventistas Históricos que defendem os ensinamentos mais antigos, como continuar a tocar música apenas no violão, onde a bateria não pode ser usada.

Os liberais compõem a outra parte da divisão da igreja, eles são os Adventistas Progressistas que pregam uma perspectiva mais moderna, como realizar atividades que use outros tipos de instrumentos para chamar mais atenção das pessoas, e com isso, trazer mais fiéis, enriquecer com atividades diferentes, mesclar conteúdos que atraiam tanto homens como mulheres. Segundo uma praticante adventista me afirmou:

*Existem os três educadores os mais velhos da antiga escola, os mais novos da nova escola e as crianças que é totalmente novo, é como a gente ver na faculdade, as escolas sociológicas, a gente ver diferentes dos antigos, o que a missão não permite que venha de cima na igreja. (Entrevista com a praticante Marina, realizada em 09 de abril de 2013).*

Isso provoca alguns questionamentos na igreja, a visão dos mais velhos, os líderes da igreja que defendem os antigos ensinamentos, os mais novos ou liberais e as crianças, sendo que os liberais já tentam se adequar às mudanças tecnológicas. Por exemplo, nessa entrevista a fiel contou que é proibido na igreja usar bateria, só que as músicas que vem da organização da igreja, por CD's, têm bateria. Os mais velhos dizem

que essas são as músicas que vem da Conferência Geral, e fica o questionamento, o embate, entre mais velhos e liberais<sup>16</sup>.

A Igreja Adventista Bancários iniciou sua formação como igreja no bairro Castelo Branco em João Pessoa, com estudos bíblicos na casa de um dos líderes que iniciaram a igreja. Os três principais fundadores da igreja foram um fundador, a tia Valquiria que foi estudar a teologia da igreja, em outra cidade e retornou trazendo suas contribuições, e um pastor<sup>17</sup>. Depois conheceram pessoas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que cederam o lugar nos sábados e domingo para as atividades da igreja, na capela que há na universidade. Segundo a praticante:

*Faz oito anos que ela se deslocou, ela saiu porque não era nosso, e a gente ganhou da missão um terreno perto do Restaurante Coelhos, e ficamos numa casa alugada onde é o Restaurante Novo Oriente. Venderam o terreno e construiu onde a igreja está atualmente. (Entrevista com Marina realizada em 09 de abril de 2013).*

Hoje a igreja Adventista funciona assim: tem um pastor, que é só um por distrito, atualmente o pastor congrega e administra seis igrejas: Bancários, Portal do Sol, Geisel, Cabedelo, Mogi e Cristo; igrejas que se localizam na cidade de João Pessoa e Cabedelo. Depois vem o primeiro ancião e os próximos anciões. Todo departamento tem um diretor: diretor de jovens, de música de sonoplastia, da infância. Os cultos são dá seguinte maneira: há três cultos oficiais. São eles: sábado pela manhã, domingo à noite, quarta à noite. Há também o de jovens no fim da tarde, mas nem todo sábado acontece, às vezes ocorre de quinze em quinze dias, e nem todos os fiéis precisam ir; os outros três é preciso frequentar assiduamente.

A igreja também é composta pelo Clube de Desbravadores, que são jovens entre 10 a 15 anos, semelhantes aos escoteiros. Quando cheguei à igreja as primeiras pessoas que conheci foram os desbravadores. O grupo dos Desbravadores também é uma forma de evangelizar e socializar os jovens; esses jovens se reúnem uma ou duas vezes por semana para desenvolver habilidades, percepções e gosto pela natureza, acampam, fazem campanhas em hospitais, ajudam a arrecadar alimentos.

---

<sup>16</sup> Uso essa categoria de mais velhos e liberais, devido a praticante Marina, em entrevista afirmar essa divisão, e em sites falando sobre a igreja que mostram essa divisão.

<sup>17</sup> A entrevistadora Marina não informou o nome do fundador e o do pastor.

Outro grupo de destaque na igreja são os Aventureiros, com crianças entre 6 a 9 anos; que seguem os mesmos princípios dos Desbravadores. É mais uma forma de socializar as crianças dentro da igreja, que é composto de crianças entre seis a nove anos, depois disso, eles passam para os Desbravadores.

Os Aventureiros baseiam-se no tripé: família- igreja- escola. Seus objetivos são: auxiliar pais, mães e responsáveis para desenvolver aspectos físicos, mental e espiritual das crianças. Nasceu na Conferência Geral, em 1939, as classes dos Aventureiros são: Abelhinhas Laboriosas (seis anos), Luminares (sete anos), Edificadores (oito anos) e Mãos Ajudadoras (nove anos).

Em 1988, o Departamento dos Ministérios da Igreja da Divisão Norte-Americana convidou outros campos interessados e especialistas na área infanto-juvenil para estudar e avaliar o conceito do Clube dos Aventureiros. Uma comissão se reuniu em 1989 para atualizar o currículo das classes dos Aventureiros, desenvolver os requisitos e redigir as regras e orientações básicas para a organização do Clube dos Aventureiros. A comissão envolveu líderes da Escola Sabatina das crianças, pessoas da área de Educação, Coordenadores dos Ministérios Infantis de Uniões e especialistas na área de família. O plano piloto do programa de Aventureiros começou em 1990 na Divisão Norte-Americana e foi aceito na Associação Geral em 1991.

A criação do Clube veio através do Provérbio 22:6 (Bíblia): “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e quando for velho não se desviará dele.”. Os ideais são o voto: “Por amor a Jesus, farei sempre o meu melhor.”. Leis: “Jesus me ajuda a ser: obediente, puro, reverente, bondoso e colaborador”.

Realizei uma observação ao grupo em dezessete de março de dois mil e treze ao Clube de Aventureiros: Estrelinhas de Davi, na Igreja Adventista Central de João Pessoa, essa igreja se encontra no centro da cidade. O Clube funciona na sede principal que há várias salinhas, estilo uma escolinha de jardim. Nesse pátio havia algumas crianças usando uma camisa branca, com mangas azuis listadas, e na frente dela o símbolo MN (Ministério Nordeste) compondo ainda uma gota laranja, e algumas com uma faixa em forma de gravata, também laranja.

Elas fazem continência e repetem o voto do clube: “Por amor a Jesus farei sempre o meu melhor.”. Repetem a frase duas vezes. Depois repetiam as leis de Jesus

segundo a igreja, que é ser: Obediente, Puro, Reverente, Bondoso e Colaborador. Tem por hino:

“Somos aventureiros alegres  
Que confiam no amigo Jesus  
Aprendemos que sempre devemos  
Ser pra todos o brilho da luz  
Descobrimos em tudo a beleza  
E o amor de um Deus criador  
E amando a Cristo faremos  
Maravilhas ao nosso redor”.

Em conversa com uma das professoras do Clube ela me informou que as crianças aprendem muito mais nos Aventureiros, porque decoram a Bíblia, destacando o caso de um aluno que sabe o Antigo Testamento inteiro.

Essa visita ao Clube dos Aventureiros me fez perceber que ele, é o prolongamento das aulas da Escola Sabatina, e que faz parte da evangelização infantil, da educação e socialização da igreja Adventista.

Por isso, concordo com Campos sobre o estudo sobre crianças:

As pesquisas sobre religião, muitas vezes com forte enfoque institucional, tendem, em geral, a abordar os adultos, e dentro destes os líderes e membros com maior tempo de conversão por estes serem os portadores do conhecimento sagrado reconhecidos socialmente. Nesta perspectiva, nada mais inadequado do que incluir crianças na observação. (...) No entanto, o destaque social alcançado por esses pequenos sujeitos não é problematizado teoricamente, permanecendo como resíduo nas observações etnográficas. (CAMPOS, 2009, p.15)

São exatamente esses sujeitos sociais, as crianças, que quero problematizar através da minha observação e análise da evangelização infantil adventista.

### **3.2. Escola Sabatina e os Primários**

Nessa sessão descrevo os atores sociais envolvidos nesta pesquisa, o lugar, e o que aconteceu em três meses<sup>18</sup>. A sala da qual assisti aula se chamava Primários, que é

---

<sup>18</sup> Abro um parêntese para explicar os nomes que foram alterados nesta pesquisa, não usei também nenhuma fotografia do rosto de nenhuma criança, devido ser delicado falar e mostrar quem são as crianças.

composta por crianças de 7 a 10 anos, nesta sala há dois professores: Tio Joaquim, o professor, aproximadamente com 35 anos, cantor, alto, sempre se veste com roupa social, camisa de mangas compridas, calça e sapato, com aparência de pastor, ele já fez pregação no culto geral da igreja; é casado com a professora da sala, é também pai de um dos alunos e dar aulas nos momentos em que a professora não está.<sup>19</sup>

Tia Daniela, professora, tem 31 anos, é casada com Tio Joaquim, é a professora oficial da sala, sempre de vestido como todas as mulheres da igreja, sapato alto; quis me aparentar para eles entre a roupa de Daniela e os sapatos baixos das meninas da turma, ficando nesta fronteira.

Alice, 7 anos, aluna, a criança mais me ajudou a entender a teologia da igreja e o que era passado para as crianças, ela foi a minha informante chave. Ela pretendia pregar no dia das crianças<sup>20</sup>, essa garota é filha de um dos pastores da igreja, e filha da coordenadora do Departamento Infantil da igreja.

João, 7 anos, filho de Joaquim e enteado de Daniela, outro informante importante, se veste muito parecido com o pai, de roupa social. Sara, 9 anos, por ser a mais velha, se sente a maior na sala, por isso sempre comanda as atividades. Pedro, 7 anos, menino tímido, muito calado, não conversa muito, e também não foi com tanta frequência. Rebeca, 7 anos, passou a ter mais frequência no grupo, no final das minhas visitas. José, 8 anos, também com pouca frequência no grupo.

A Escola Sabatina começa com a reunião dos professores, com estudo ou a recapitulação da lição da semana. Coleta de ofertas, mensagem musical, trabalho missionário, essa é a estrutura geral. Depois as crianças e os adultos se dirigem para o Culto de Adoração que é solene, com músicas, ofertas. As lições tratam de um determinado assunto, livro bíblico ou doutrina a cada trimestre. Estima-se que 25 milhões de pessoas frequentam a Escola Sabatina em todo mundo.

A Sala dos Primários era igual à sala de jardim de escola, a sala tem cadeiras brancas de plástico, pinturas nas paredes, mural com meses do ano com os aniversariantes de cada mês. Tem uma pintura da parede do lado esquerdo inteiro com

---

<sup>19</sup> Nomes fictícios.

<sup>20</sup> Culto do qual poderia ter retornado para fazer essa observação, porém não foi confirmado esse culto, e não seria algo frequente essas pregações de Alice, esses cultos seriam mais em eventos como o dia das crianças. Deixo, portanto, para futuras pesquisas.

Jesus num bosque e as pessoas felizes. Observei ainda um mural com horário com os nomes das crianças sobre oração inicial, oração de ofertas e oração final. Há, portanto, todo um esquema de atividades, elas têm um livro com lições diárias, que a professora aplica no sábado, e eles estudam em casa.

No primeiro dia não fui apresentada como “tia”, a professora me tratou como aluna, até mesmo as crianças às vezes queriam me chamar de tia, mas logo elas corrigiam e diziam meu nome. “Minha intenção era que as crianças soubessem que eu não era como as professoras; que, apesar de ser adulta, estava ali para aprender, e não para lhes ensinar sobre religião”. (PIRES, 2011, p.38).

Fazia todas as atividades, seja colando, cortando, cantando, levando todo sábado minha ofertinha. No entanto nunca orei, nem no começo, nem na oferta, e nem no final, algo que me chamou atenção, porque eu não era adventista, e por isso, também não poderia fazer essas orações, estava mais para aprender do que para ensinar ou orar. “A presença do pesquisador introduz artificialidade ao contexto pesquisado, mas, embora não seja possível evitá-lo, o fato deve ser sinalizado.” (PIRES, 2011, p.34). Tentando fazer o possível para minimizar a minha artificialidade no contexto social, participando como as crianças nas atividades, sendo uma aprendiz dos Primários, realizando os trabalhos sentada no chão como elas, brincando de adivinhação, de esconde-esconde, por isso, com o tempo, as crianças foram se acostumando com a minha presença.

A sala dos Primários funciona assim: a professora ou o professor pergunta como foi à semana de cada um, o que quer pedir e o que quer agradecer, depois alguém faz a oração inicial, na maioria das vezes são só as crianças que fazem essa oração. Passa para as doações, fazem o momento das ofertas e uma oração de agradecimento das ofertas; passa para a lição da semana e depois encerra com uma oração final. Cada dia que observei encontrei momentos novos.

Pedidos e oração inicial sempre mostraram a semana das crianças e isso foi muito produtivo, porque pude saber um pouco da vida delas fora da igreja, dado difícil de ser conseguido devido ao medo das pessoas de não me “controlar” fora da igreja. Ao mesmo tempo, elas pensam em Deus e nos ensinamentos da igreja, lembrando o que deu errado na semana, ou se alguém da família ou elas tiveram alguma doença,

esperando que tudo fique bem na semana seguinte<sup>21</sup>. Abaixo algumas notas sobre a entrada das crianças na aula:

Alice: peço pelo meu avô que vive reclamando que sente dor no estômago e eu não quero mais ouvi-lo reclamar tanto. Quero agradecer pelas provas na escola. Sara: quero agradecer porque essa semana não levei nenhum arranhão e que estava tentando não ser mais tão travessa, porque ano passado levei muitas broncas do inspetor da escola, porque eu corria no pátio e ficava sem recreio. (dia 09 de março de 2013).

Alice: Eu estou muito feliz! Eu ganhei duas Polis da minha avó! A mãe da minha mãe é muito boa, agora eu tenho oito Polis, ganhei ontem! Também quero pedir pela minha saúde que não anda muito bem. Sara: Eu quero agradecer pelas provas que acabaram, pedir pela minha saúde, e que pedir para que hoje o dia seja muito bom, porque vou na Ri Happy, e vai ser muito legal. (dia 16 de março de 2013).

O interessante do início das aulas são essas falas, elas repetem muito que querem ficar boas, ou pedem por alguém para ficar bom, sempre há essa repetição de que estão doentes, ou algum conhecido que está doente.

Essas expressões ocorrem devido ao medo delas de morrer, pois as crianças aprendem na igreja Adventista que quando morrem vão ficar num estado de inconsciência e enterradas até Jesus voltar. Então, prolongar a vida delas com saúde é muito bom, porque assim se Jesus voltar antes, elas não precisam morrer; vão estar vivas, ver a volta em vida, por isso, o medo da morte e a vontade de prolongar a vida delas e de seus familiares.

As falas das crianças se inter cruzam, exemplo no fato que a menina ganhou uma Poli, a outra amiga já expressou que queria comprar algo também em uma loja de brinquedos, porque a colega havia comprado algo.

Outro momento simbólico da igreja é o momento das ofertas, desde o Rol dos Berços (classe de crianças recém-nascidas até quatro anos). Para facilitar a compreensão do texto, traço um quadro com as fases das idades da infância e adolescência dos Adventistas.

---

<sup>21</sup> Essa atividade me serviu como uma espécie de grupo focal todos os sábados, pois nesse momento as crianças falavam o que sentiam de fato, os medos e angústias. Observei, portanto, a agência delas nesses momentos, momentos esses, que repetiam o que a igreja ensinava, porém elas explicavam de forma espontânea os seus dias.



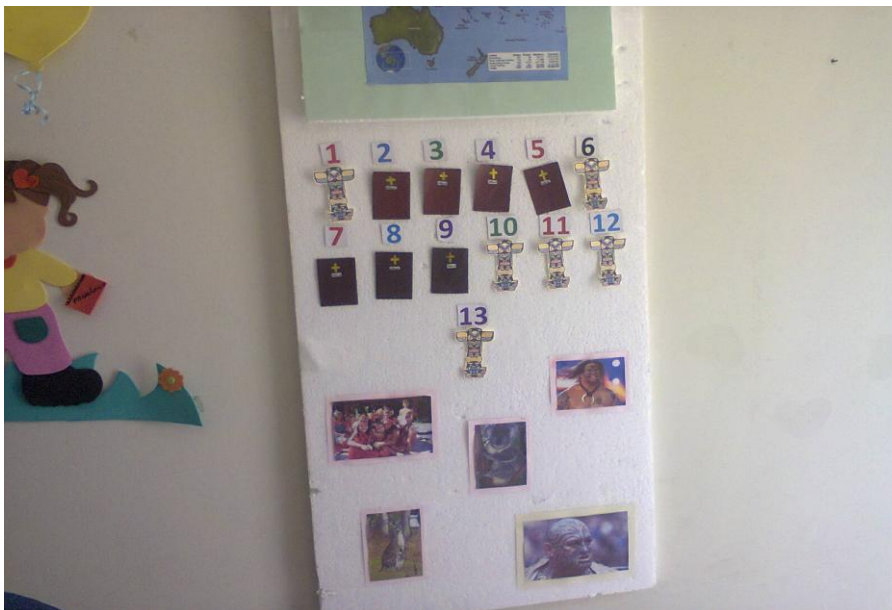
Classes	Idade				
	0 - 4 Anos	5 - 6 Anos	7 - 10 Anos	11 - 13 Anos	14 -16 Anos
Rol dos Berços					
Jardim					
Primários					
Juvenis					
Adolescentes					

**Imagem 2– Quadro de classes e idades das crianças e adolescentes Adventistas**

Ou seja, desde que uma pessoa nasce na igreja Adventista ela sabe que deve trazer sua ofertinha, com músicas, para construir igrejas, hospitais e colégio. Quando visitei a igreja Adventista em Camaragibe (PE), observei esse momento, do qual no primeiro semestre do ano de 2013, a promoção da igreja era enviar Bíblia para Nova Guiné, e para o Sul do Pacífico. Os professores dos Primários estimulam as crianças a trazer uma oferta de casa, e que o total de todas as crianças seja de cinco reais, nessa igreja, todos os sábados, no qual esse dinheiro irá se transformar em Bíblia; segundo os professores, essa troca é feita porque as crianças desses lugares não conhecem a Deus.

Na igreja em Bancários os professores passam uma cestinha com as ofertas para comprar as Bíblias para Nova Guiné, pois segundo eles, as crianças precisam de Deus, e cada semana a meta a ser batida é de três reais por toda turma<sup>22</sup>. Trocam as figuras do quadro da sala, que são as imagens da Nova Guiné dos totens, por recortes com imagens de Bíblias, ou seja, eles levam o incentivo simbólico da Bíblia e fazem a troca, há uma troca simbólica interessante, e também há um significado de tentativa da catequização das pessoas da Nova Guiné e do Sul do Pacífico. Abaixo foto tirada em nove de março de 2013, do painel de incentivo a troca simbólica da religião Adventista.

<sup>22</sup> Não são três reais por crianças. As crianças ofertam vinte e cinco centavos, ou, cinquenta, ou um real. A meta é três reais pela turma dos Primários.



**Imagem 3- Foto da sala dos Primários: “Trocando Totens por Bíblias”**

“O concreto para a criança não é nada simples. É, por assim dizer, tão complexo quando o simbólico para o adulto”. (PIRES, 2010, p.153). Mas sempre é preciso materializar as atividades e os pedidos que os professores fazem, para assim transformar essa concretude.

Nesta imagem podemos observar a foto do lugar geográfico que fica o Sul do Pacífico, e os totens, e o rosto das pessoas pintadas, para significar a “selvageria” e que segundo a igreja, eles precisam acreditar em Deus, trocando esses totens por Bíblias. “É importante ressaltar que as crianças estão inseridas na vida religiosa da comunidade e isso produz efeitos e tem consequências para elas”. (PIRES, 2011, p.161).

O efeito dessa imagem retrata que as crianças ao fazer essa troca aprendem a evangelizar o outro, ou seja, ela se sente como aquele que pode e deve trocar a crença do outro porque a sua crença salva o “selvagem” para Deus, e isso produz efeitos, reforçando assim que eles são os corretos, salvando as pessoas. A seguir, alguns diálogos a respeito da troca simbólica:

Alice passou com a cestinha das ofertas, e cantando a música: “Minha ofertinha dou de coração, dou para Jesus, olha que coisa boa”, a menina trocou o totem pela Bíblia, como forma de aprendizado materializado com figuras, trocando um pelo outro, e daí surgiram perguntas. O próprio professor perguntou para onde iria aquele dinheiro, e elas disseram que era para o Sul

do Pacífico. Depois, Sara perguntou: “Tio e três reais paga uma Bíblia?”, e o tio disse: “tem alguns lugares que tem sim Bíblia com esse preço, baratinho, mas que nós vamos mesmo é transformar as lições da Bíblia para Ipods porque em vez de traduzir um monte de Bíblia eles vão ouvir e entender.” (notas de campo em 09 de março de 2013)

Esse fato foi muito interessante, pois a menina ao falar interrogou algo que a todo o momento vinha se repetindo pela igreja, ou seja, iam transformar em Bíblias, mas não vai ser assim, a igreja vai sim é transformar em Ipods, e pela agência exercida pela garota o professor mudou sua fala, pelo seu questionamento.

Por isso que concordo com Cohn:

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um ‘adulto em miniatura’, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações.” (2005, p.28)

Por isso a agência infantil, mesmo que a menina continue reproduzindo os princípios da igreja, de arrecadar ofertas para enviar para outros lugares, ela indagou a forma desse envio, ela interpretou já de outra forma, sua fala mudou o discurso do professor.

É importante observar esse momento das ofertas, desde a quantia que cada criança leva de suas casas, até o momento da troca simbólica, os totens produz um efeito de rejeição nas crianças, e a Bíblia produz o efeito de vitória, de salvação, ou seja, essa evangelização se constrói por efeitos de incentivos da igreja Adventista; esses efeitos produzem a socialização entre as crianças Adventistas.

No trimestre que iniciou em abril de 2013, a professora explicou como seriam as novas ofertas, as doações da igreja iam para o Centro da África, mostrou a foto e disse que agora eles vão ajudar a terminar um hospital e fazer uma escola. Pelas fotos e lições podemos ver que os incentivos são levados, mas o simbolismo e a materialização que é passado para as crianças, mostram a forma que a igreja encontra de socializar já desde o berço, como é um dos sistemas mais eficazes da igreja Adventista, a oferta.

Por exemplo, elas dizem que a oferta das Bíblias era principalmente para as crianças, ou seja, elas dizem para crianças que outras crianças precisam ser iguais a elas,

que elas são exemplos, e que como exemplo precisa ajudá-las da “barbaridade”, e essa forma de catequização se espalha não só para as crianças Adventistas, mas para outras crianças, na busca de mais praticantes.

### 3.3. Lições

As lições são compostas por um livro que vem para os professores e outro para os alunos, todos os trimestres. Tive acesso aos dois livros. A questão dos professores tentar introjetar a doutrina da igreja se firma com as lições, essas atividades se consolidam com as atividades passadas, com a materialização com objetos e cenários dos quais os professores inventam para que as crianças entendam abstraindo a teologia Adventista. Em relação às crianças, elas se divertem e questionam sobre o que assistem e escutam, não sendo, portanto, só uma mera reprodução, o que pode ser observado pela agência das crianças.

Em relação ao livro dos professores toda semana é detalhado os passos que os professores devem seguir como o que deve fazer nas Boas-vindas das crianças, oração e louvor (que é aquela oração do início), ofertas junto com oração e a lição Bíblica mais a aplicação da lição. Observei que há uma estrutura para isso, as quatro primeiras semanas há um eixo temático, exemplo, as quatro primeiras semanas ocorreram com o serviço: “Deus nos chama para servir aos outros”, nas quatro semanas do meio foi: “A graça de Deus significa boas-novas para nós”, e assim por diante.

Os temas circulam através desses serviços, cada dia tem um verso específico que as crianças precisam decorar. Na lição também há os objetivos que os professores devem alcançar, exemplo, na lição cinco do dia dois de fevereiro: “Os objetivos: a criança deverá SABER que a graça é a boa-nova de que Jesus a ama. SENTIR-SE feliz porque Deus a considera filha”. (Lição dos Primários- livro do professor, 2013, p.34). Observei ainda, que algumas atividades são realizadas pelos professores, outras não, pois muitas vezes o tempo não permite que os professores consigam realizar tudo.

Em relação à lição das crianças, também tive acesso, a primeira lição que estudei como aluna, foi a lição dez que tem o título “Morta ou viva”, eu havia assistido à aula como os outros alunos, e essa lição, falou sobre a menina que Jesus ressuscitou.

A lição das crianças funciona assim: tem a aula na Escola Sabatina, e todos os dias elas leem em casa com os pais e fazem um mini culto com a família. Nessas atividades diárias a primeira que eu li foi sobre a volta de Jesus, por ser um dos ensinamentos da igreja, essa volta para eles já é introjetada desde que nascem. Entretanto, para mim, foi incômodo o modo como essa lição foi abordada. Abaixo a lição do dia nove de março:

Se possível, vá a um cemitério com a sua família, e leia a história da lição. Imagine como será esse lugar quando Jesus voltar. Leia João 11:25 na sua Bíblia. Algumas pessoas vão morrer antes de receberem a vida eterna. (Lição dos Primários- livro dos alunos, em 09 de março de 2013).

Depois que conversei com as crianças e as pessoas para poder entender melhor esse mandamento peculiar Adventista, entendi essa especificidade. Com isso, em uma conversa com Alice obtive algumas informações sobre o que as crianças acreditam ser essa volta de Jesus.

Pesquisadora: “e tu já está se preparando (para pregar no culto) <sup>23</sup>?”.

Alice: “num sei, tô...”.

Pesquisadora: “tu vai falar do quê?”.

Alice: “da volta de Jesus.”.

Pesquisadora: “e como vai ser a volta de Jesus?”.

Alice: “ele prometeu que vai voltar, ele vai voltar numa nuvem.”.

Pesquisadora: “que lindo!”.

Alice: “do tamanho de uma nuvem, é porque lá do céu a gente pensa que a nuvem é bem pequenininha, mas quando chega aqui é bem grandão.”.

Pesquisadora: “eu não sabia depois tu me conta mais...”.

Alice: “**mas às vezes para mim parece que ele não vai voltar, mas ele vai.**”.

---

<sup>23</sup> Abordei Alice porque a professora havia me dito que ela iria pregar, por isso a pergunta se ela já estava se preparando.

Pesquisadora: “porque ele às vezes não vai voltar?”.

Alice: “porque a gente vai viver eternamente, a gente não vai morrer<sup>24</sup>?”.

Pesquisadora: “mas porque tu acha que ele não vai voltar?”

Alice: “**Porque parece que viver eternamente é esquisito entender?** Mas eu acredito que ele vai voltar.”.

Pesquisadora: “Mas é difícil acreditar, é?”.

Alice: (riso) “a gente vai poder voar...”.

Nesse momento entrou João e disse: “É, meu pai falou que a gente vai poder voar.”. (Conversa com a menina em 06 de abril de 2013).

Acredito que essa conversa com a menina foi muito significativa, principalmente no trecho grifado. Ela disse que acreditava que Jesus voltaria, mas que era difícil de entender, mas que acreditava.

Nessa fala é possível observar a agência dessa criança perante uma estrutura maior. Com diz Nunes: “Agência para todos os seres humanos, incluída as crianças, cabe considerar que a capacidade infantil para agir e representar está em correlação com a sua idade, habilidade cognitiva e a história de suas relações com outras pessoas.” (2007, p.12).

O argumento da menina que iria voar é uma espécie de incentivo a acreditar nessa vida eterna, voar leva a Jesus, mas para isso é preciso acreditar. Outra questão relevante, é que ela disse que no dia que pregar vai ser sobre isso, ou seja, ela é filha de pastor, que incentiva as crianças a pregarem, como eu já assisti ele falar isso em público no culto<sup>25</sup>. A mãe de Alice é coordenadora da Escola Sabatina infantil, e ela tem que pregar com essa questão que é primordial na igreja, que é a volta de Jesus, o que é surpreendente, porque ela falou muito natural que é difícil entender.

---

<sup>24</sup> Alice ficou muito indignada ao falar que ira viver eternamente, se admirando da afirmação que ela mesma repetia.

<sup>25</sup> O pastor, pai de Alice falara em um culto público, que era preciso incentivar as crianças a pregarem, como isso já ocorria na igreja Adventista da Alemanha, pois as crianças são o futuro da igreja, e que precisava se preparar desde criança.

A partir disso, decidi fazer uma atividade com a seguinte pergunta: “Como era a volta de Jesus?” Elas desenharam para mim esse evento. Abaixo alguns dos desenhos mais significativos.



**Imagem 4- Desenho de João: “Jesus volta”.**

João fez um Sol, e duas nuvens, Jesus e três anjos, um anjo que era para ele, outro para o pai dele, e o de Daniela. Interessante é que ele colocou cada anjo com o desenho de cada um deles e com as mesmas cores de roupas. Ele e o anjo dele de azul, o pai e o anjo de verde, e a tia e o anjo de roxo, Jesus também de azul porque é a cor favorita dele. Ele disse que eles estavam no chão, com uma árvore, mas era um cemitério. Seu título foi: Jesus volta.



**Imagem 5- Desenho de Sara: “A volta de Jesus”**

Sara fez Jesus em cima de uma nuvem bem grande, com raios amarelo saindo embaixo amarelo, e dois anjos tocando flauta com os pássaros voando. Embaixo, na Terra, um parque com gangorra, e escorregador, árvore e flores e duas meninas, uma de roupa rosa e outra amarela. Seu título: A volta de Jesus.



**Imagem 6- Desenho de Alice: “Jesus voltará”**

Alice fez um desenho muito colorido Jesus dentro do Sol, e uma nuvem grande embaixo, os anjos, e pássaros, na Terra uma árvore e um cemitério. O mais interessante é que não tem ninguém vivo no desenho dela; como nos desenhos das outras crianças, o desenho dela são só cruzes. Esse desenho representou muito para mim para pensar como esse processo de evangelização e socialização de Alice foi sendo construído.

No meio da atividade eu perguntei “e vai ser bom quando Jesus voltar?” Todos gritaram “sim!” Daniela, a professora, ao ver os desenhos, me falou que eles acreditam que Jesus vai vir e não vai pisar na Terra, vai ficar numa nuvem no céu, e os anjos é que iram descer e buscá-lo. Por isso, eles desenharam daquele jeito, anjos descendo.

Ou seja, através deste desenho vejo a doutrina da igreja, o que as crianças acham disso, e tudo através da evangelização, não só a evangelização infantil, a evangelização para as outras idades da igreja também mostra esse ensinamento.

Considerarei algumas das lições de suma importância, na medida em que pretendiam mostrar a socialização das crianças, socialização essa que pode ser pensada como Nunes afirma: “As crianças têm algo original a dizer, socializam-se ao longo de



uma relação dialógica com o mundo à sua volta de tal modo que, justificadamente, sua vivência, representações e modos próprios de ação e expressão devem construir objetos da pesquisa social.” (2002, p.22) Por isso considero que elas ao estar em constante socialização, reproduzem os ensinamentos da igreja pela evangelização infantil, e pelas lições estudadas, por outro lado, demonstram tal como Alice afirmou algo original, na medida em que ela disse que era difícil pensar/acreditar que iria viver eternamente.

A doutrina da igreja por sua vez, acredita que as crianças vão reproduzir os ensinamentos, e se algum sair do “caminho” da igreja, ela logo busca “cortar pela raiz”, ou seja, repreende e os fiéis, dos quais podem ficar meses sem poder ir à igreja, passar por uma espécie de julgamento, tal como informou Marina, que já acontecera casos assim, na entrevista que realizei com ela. Quando as crianças confrontam algo, logo ela é repreendida.

As crianças aprendem que não andar no caminho de Jesus tudo fica ruim, é preciso construir uma casa<sup>26</sup>, ou melhor, constrói-se na igreja para que nada de ruim aconteça para elas. Outra lição materializada foi a de massa de modelar, sobre o medo das crianças, que mostra essa construção desde a infância na igreja.

O professor convidou as crianças a usar a massa de modelar, e elas diriam o que lhes dava medo, e elas foram materializando o que tínhamos medo. Na conversa elas diziam... “eu tenho medo de jiboia”, “eu tenho é da anaconda”...

Na modelagem, Sara fez primeiro uma sandália que simbolizava a sandália da sua mãe quando a batia, depois desfez e fez uma anaconda. Alice fez um Tiranorossauro Rex azul com amarelo e não desfez em nenhum momento, depois pegou mais massa e fez uma jiboia; por fim fez uma pessoa deitada, como se fosse morta. João por sua vez fez um bebê ladrão, depois fez também uma jiboia gigante. (Notas de campo em 09 de março)

---

<sup>26</sup> Demonstrei essa analogia de construir casa, porque em uma das lições apresentadas os professores exploraram a ideia de que Jesus é terra firme para construir uma casa, e que ele sendo o alicerce nenhuma tempestade derruba essa casa, ou seja, com Jesus nada de ruim acontece.



**Imagem 7- Foto na sala dos Primários: “Do que as crianças tem medo”**

Prosseguindo nessa observação:

O tio Joaquim disse que isso significava que mesmo tendo medos, Jesus estava conosco e que com ele ninguém tem medo. Ele continuou contando uma passagem bíblica onde Jesus acordou uma menina que já estava morta.

Depois da história o tio pediu para cada um recortar uma folha, a intenção era que ao cortar o desenho uma menina ficaria como se fosse se levantando da cama, e assim todos fizeram suas meninas e recortaram depois. (Nota do dia 09 de março)



**Imagem 8- Foto na sala dos Primários: “Desenho de Alice: menina morta-viva”**

Nesses recortes/desenhos a menina ressuscita e assim eles também vão ressuscitar se acreditar em Deus, e que não devem ter medo, ressaltando os ensinamentos peculiares da igreja, da esperar a volta de Jesus.

Para observar a agência infantil e a socialização é possível ver no dia em que observei a seguinte lição:

Joaquim: “Só Moisés morreu, porque o Satanás queria o corpo dele, mas Deus o salvou. Então Pedro decidiu fazer uma tenda para acampar e adorar aquela luz, mas Jesus disse vamos continuar. O que a lição quer dizer é que devemos adorar a Deus”.

Alice: “Não tio você não explicou toda a lição, você já pulou...”.

Joaquim: “Alice essa é a lição, eu não pulei, a moral é essa...” Encerrando a lição. (notas do dia 06 de abril de 2013)

Foi tensa essa confrontação, a menina interrogou o professor. Quando a aula é ministrada pela professora ela se sai melhor com os porquês das crianças. Mas o tio Joaquim, impõe e pronto, e não consegue responder “direito” os porquês das crianças. Sendo visto assim, a falha da evangelização nesta turma. Ou seja, essa interrogação já mostra o que a criança sabe, e assim ela passa para as outras crianças da sala, que também interrogam, afirmam que não está correto o que o professor diz. Elas interrogam ainda, que a atividade não vai servir, assim como, interrogou João sobre o porquê de fazer uma atividade que não servia mais para a idade deles:

João: “mas porque nós vamos pendurar<sup>27</sup>, se nós nem somos bebês mais?”.

Joaquim: “bem era o que estava na lição, e nós devemos fazer o que manda a lição.”.

Neste dia foi visível que a menina indagou, questionou o professor, ela usou outra vez sua fala para explicar que algo estava diferente, e assim, mudou, questionou e transformou. O garoto também questionou, e o professor só sabia dizer que o certo é seguir a lição e pronto, não importa o curso que a aula irá tomar.

---

<sup>27</sup> Eles fizeram com recortes enfeites da menina morto-viva para pendurar em berço.

Outro fato interessante ocorreu na lição do dia treze de abril, a tia Daniela pediu que as crianças e eu recortássemos em quatro folhas diferentes, pessoas diferentes e colássemos nestas folhas. “O caráter lúdico com que a criança sempre age nas mais variadas circunstâncias pode ser considerado como uma espécie de denominador comum às crianças de todas as sociedades, manifestando sua universalidade por meio de infinitas peculiaridades, realizando e concretizando sua essência na singularidade sociocultura de cada um dos povos.” (SILVA, NUNES & MACEDO, 2002, p.69).

João recortou a figura Papa, e de outras três pessoas da revista dada pela professora, e Sara também recortou a figura do Papa, e esse evento foi importante para pensar a agência destas crianças, porque crianças evangélicas recortaram a figura do Papa. O mais interessante é que no final da atividade era para colocar as figuras em uma ordem de quem era mais importante para cada criança, e as duas crianças: João e Sara, colocaram o Papa em primeiro lugar. O que mostra que as crianças tem agência, elas mostraram e ordenaram o que pensavam, pois o Papa não é símbolo da igreja delas<sup>28</sup>.

Nesse momento também, José falou: “esse Papa ai é gay, meu pai disse, que o Papa é gay”. A professora, então, disse: “Não diga isso José, as pessoas merecem respeito, todas as pessoas, sejam elas mais velhas ou mais novas.”.

Essa atividade foi interessante, as crianças têm diferentes percepções de uma figura religiosa, aqui se observa a cultura entre pares, que pensam de forma diferente, ou de forma igual. Uns mostraram, criaram uma construção da imagem de uma figura religiosa, o outro já reafirmou algo que escuta em casa. Como se ouviu muito falar no Papa nestes últimos meses, cada um foi construindo uma imagem. Abaixo prossigo com as interpretações das crianças sobre a figura do Papa.

Sara disse: “Os Papas são iguais, sejam eles Paulo II, João I, eu não sei o nome deles, eu sei que eles são velhinhos.”.

Também se pode interpretar a ordem da importância das pessoas, porque ele é mais velho, isso me chamou atenção por ser uma figura religiosa.

---

<sup>28</sup> É importante ressaltar que nesse período o Papa veio ao Brasil, e sua figura na mídia aparecia com certa regularidade.

Então Sara continua: “Essa é a Lurdinha da novela, você não assiste Salve Jorge, eu assisto.”. O que mostra que ela também gosta de uma personagem totalmente fora do contexto da igreja.<sup>29</sup>

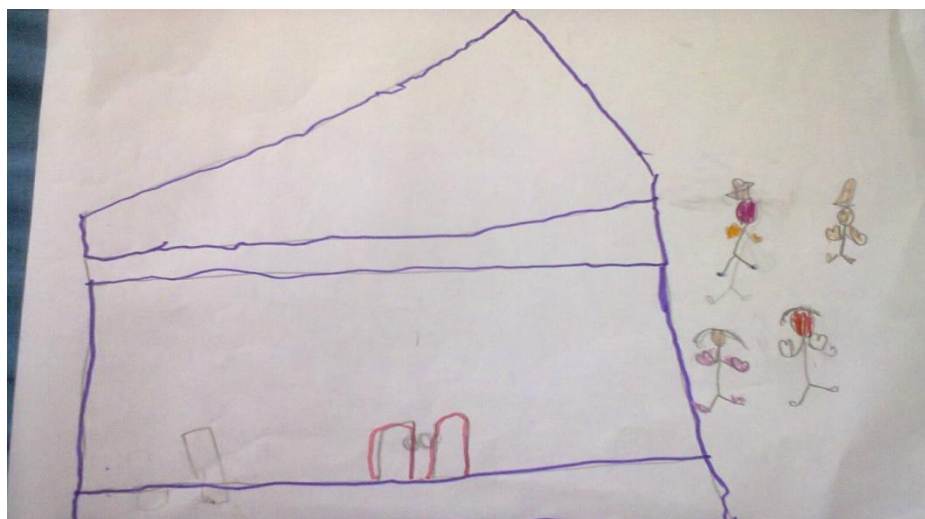
José: “Eu assisto, eu sei quem é!”.

Ou seja, observou-se a interpretação delas, reafirmando o conceito de agência, por isso a reconfiguração perante a figura do Papa, figura religiosa não evangélica. Como também a afirmação do garoto pela frase que o pai disse; outro momento também foi a interação através da figura de uma atriz da novela.

### 3.4. Desenhos e recortes

Observar a socialização e evangelização das crianças através de desenhos foi uma técnica importante. Assim como para Pires (2011, 2010), Cohn (2005), Nunes (2007), Campos (2009), Santos (2011), observaram para além da observação participante a importância dos desenhos. Trago algumas classificações das crianças e da igreja.

Da turma do Jardim, de todos os desenhos livres que observei, as pessoas nunca estão na igreja, a igreja está lá, mas elas vão para a igreja no desenho das crianças. Nesses desenhos não dá para ver muito a natureza. Exemplo o desenho de Lia:



**Imagem 9- Foto na sala do Jardim: “Desenho de Lia”**

---

<sup>29</sup> Por isso explico que elas também se importam e colocam um grau de importância maior nas pessoas que estão passando na mídia, a Lurdinha da novela também estava constantemente aparecendo, e na classificação de Sara a personagem ficou em segundo lugar, atrás apenas do Papa.

As crianças do Jardim vão muitas vezes só para brincar e encontrar os amiguinhos, elas ainda não estão “dentro” de fato da igreja, o que é bastante importante, ao fazer um paralelo com a turma dos Primários.

Na turma dos Primários em uma das atividades realizadas, as crianças desenharam a criança adventista e a igreja.



**Imagem 10- Foto na sala dos Primários: “Desenho de João: Eu gosto da igreja”.**

No desenho de: “Porque eu gosto da igreja Adventista”, as crianças desenharam as árvores que tem do lado de fora da igreja, a igreja, com a porta da entrada; para elas gostar da igreja significa materializar a igreja no desenho; outro aspecto é a natureza, desenharam as árvores e flores.

Outra experiência que tive nesses três meses de campo com as crianças adventistas, foi a tentativa de recortes, como instrumento de pesquisa, porém, não funcionou muito, porque muitas crianças preferiam desenhar e não realizaram a atividade enquanto estavam comigo.

Acredito que com essas crianças, todo o sábado ocorria uma espécie de grupo focal, pois como a cada sábado ocorria uma lição diferente, eles perguntavam, respondiam, e reproduziam elementos que as evangelizavam, e logo, assim, as socializavam.

Portanto, essas atividades me inspiraram a ver como as crianças veem o que é a igreja, sua família, seu lugar na igreja, e dessa forma observei que a técnica de desenhos reforçou a crença das crianças. Como a volta de Jesus, que é uma crença adventista, reafirmando que elas acreditam que vai ser daquela forma, mesmo interrogando que é difícil entender como vai ser essa volta. Enfim, esse recurso foi profícuo para a realização desse trabalho.

### **3. 5. As músicas um toque a mais para a evangelização.**

A música é algo essencial na igreja, e principalmente para as crianças; o Ministério da Sonoplastia se encarrega de muitas atividades no recinto. As igrejas evangélicas costumam intensificar seu número de fiéis através das canções. As letras mostram o que a igreja quer do fiel, e o que ela quer ser como igreja. Tudo de bom, é colocado dentro dessa comunidade, e tudo de ruim, longe, e isso é percebido pela performance das pessoas.

As danças e os tons ao cantar refletem isso. Ao som do violão, essas canções definem também como deve ser essa identidade da igreja. Há a trilha sonora mais lenta que vai preparando as pessoas ali para entrar em um momento de concentração íntima e silêncio, para então se encontrarem com Deus.

As oscilações entre o bom e o ruim ficam explícitas nas letras, as pessoas se sentem bem em cantar e dançar, o entusiasmo antes do culto faz as pessoas se agregarem, abraçarem-se umas as outras, tratando-se como irmãos, a sociabilidade é a florada, o sentimento de pertença animado. Isso é a linguagem da igreja, “a linguagem que não é de língua” (Landes, 2002, p.06).

Falo das músicas durante o culto como forma de agregar toda a comunidade Adventista, as músicas para as crianças é elemento básico de agregação, principalmente na idade entre sete e dez anos, a aula fica mais divertida, mais leve. Os ensinamentos da igreja são passados da mesma forma, reforçando a evangelização. “A *performace* ritual promove conhecimento e aprendizagem para todos os envolvidos (...). Há sempre o que aprender, e durante a vida toda se aprende.” (SILVA, NUNES & MACEDO, 2002, p.43). A música e a forma de dançar mostram que mesmo no ato de dançar se aprende. Como exemplo:

“Tô balançando mais não vou cair, não cair, não vou cair. Tô balançando mais não vou cair, não cair, não vou cair. Estou ligado em Jesus Cristo, ele é minha rocha e eu não desisto. Estou ligado em Jesus Cristo, ele é minha rocha e eu não desisto.” (Música cantada por Alice, em 27 de abril de 2013)

Outra música é:

“Está na hora de embora amiguinhos, mas logo a gente vai voltar, com Bíblia oração e alegria, vamos juntos partilhar, um grande abraço para vocês, nós nos veremos outra vez, na salinha dos Primários com vocês. É hora de dizer, xau amiguinhos, xau, nós aprendemos muito foi sensacional. Logo a gente vem, agora a gente vai. Um abraço bem forte e bye,bye,bye,bye.” (Música escutada em 06 e 13 de abril de 2013)

“Quando Deus e Noel fizeram a arca, o leão, o macaco, a formiga, o jacaré, o elefante, todo mundo entrou, e quando ninguém mais cabia, só faltava o bicho da goiaba...”. Dançando, eles imitam os animais, essa música eles cantavam todos os dias, era a que mais gostavam, eles e as crianças do Jardim. Porque essas músicas enfatizam a importância dos animais e da natureza, e as crianças gostam muito dessa integração.

Evidencia o que a igreja quer passar para as crianças, que é seguir os caminhos da igreja e de Jesus. Além de observar a performance que as crianças fazem para imitar os professores nas aulas, os familiares e os “irmãos” da igreja dançando nos cultos.

### **3. 6. As crianças e a comunidade Adventista**

Quando as crianças entram em contato com os pais e com a igreja no momento do culto público, é perceptível a diferença do “estar à vontade na salinha” e o comportamento mais atento ao culto. Esse espaço de socialização entre crianças e os demais pares da igreja é observado: a hierarquia dos pastores, cantores, membros e crianças.

Percebo no culto que não dá para se aproximar demais das crianças. Os menores fazem desenhos, às vezes abrem uma rodinha com crianças juntas, em um lado específico da igreja; os maiores escutam sentados, outros ficam sentados no colo dos pais.



No momento da música “Deixai vir a mim as criancinhas”, tem uma imagem de Jesus, do filme “Desenhos Bíblicos”, e elas vão lá para frente, a tia do Jardim as chama e conta uma história. As crianças maiores não vão lá para frente, elas ficaram do lado dos pais, percebi que isso ocorre também, porque a professora que ensina nesse momento não é a mesma da turma dos Primários, e assim elas não se identificam mais com ela, elas não se identificam como crianças do Jardim.

A família é instituição que incentiva a vida religiosa das crianças, e com isso cada um tem o seu papel, dentro dessa instituição, que se prolonga para cada papel assumido dentro da igreja, que também educa as crianças. Além de tudo a igreja acaba sendo a grande família, que define esses papéis.

Neste capítulo, tentei apresentar o que vi na igreja, e como essa rede de significados é passada para as crianças, e como elas recebem isso. Questionando em momentos, reproduzindo em outros, mas sempre interpretando.

Fez-me então, concretizar o porquê de estudar a evangelização como forma de pensar a socialização, como de fato não vi nenhuma criança da igreja Adventista pregar, o tema da evangelização me apareceu mais forte, e por isso percebi que é através dessa evangelização, que elas vão aprendendo essa religiosidade, a doutrina passada pela igreja; e em um determinado momento irão pregar. Ou seja, o que eu observei e analisei foi os estudos delas e um “treinamento” de como irão fazer em um determinado momento no dia da pregação, e por isso, os passos que se criam para se tornar uma criança pastora.

No início desse capítulo me fiz algumas perguntas, dos quais lendo os relatos do meu campo, e analisando a evangelização em questão, posso responder: será que essas crianças tem agência? Observei que sim, quando Alice se questionou que viver eternamente é difícil de entender, ou quando interrogaram o professor, fazendo com que ele não soubesse a resposta, isso é exemplo da agência delas.

Outro fato que questionei foi: elas interferem no ambiente que vivem? As crianças com sua agência mudam o curso da aula, modificam através de suas interrogações. Como ocorre o processo de socialização? A todo o momento, elas se socializam entre si, na cultura de pares, as crianças aprendem e trocam informações

entre elas; e socializam com os outros membros da igreja se interagindo com as outras atividades Adventistas.

Posso pensar em uma reprodução interpretativa (Corsaro, 2005)? A reprodução interpretativa foi vista e analisada, elas reproduzem a ideia de morte por inconsciência através dos desenhos, podemos observar isto, mas ao mesmo tempo, cada uma interpreta essa vinda de Jesus de um modo diferente, ainda que tendo a mesma base. Outro fato também está relacionado com a oferta, elas reproduzem, cada criança entrega a sua oferta, e fica feliz por entregar, mas questionam como essa oferta vai chegar, e se vai se materializar no destino falado, ou seja, se vai se tornar mesmo Bíblia, com tão pouco dinheiro.

Outra questão é se elas iriam falar comigo? Consegui me aproximar delas, mesmo que o curso da pesquisa tenha me levado a outros questionamentos como a evangelização infantil, e saindo dos momentos de pregação. Elas conversavam fora da sala, explicavam acontecimentos do cotidiano, como foi o caso de Alice, onde antes do nosso diálogo sobre o que ela iria pregar, a menina me contou angustiada fatos da sua família, no qual o avô estava tentando suicídio. Ou seja, consegui manter um laço de confiança com a menina e ela me contou um fato importante de sua família.

Consegui avistar que para que elas preguem, é preciso passar por esse processo de evangelização, que constroem os passos para que uma criança se torne pastora, e por isso, com a convivência nos Primários, consegui me aproximar delas. Portanto, analiso que, mostrar o que vi no campo, demonstra as questões que tentei me fazer a cada ida à pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos dessa pesquisa possuía como questão principal pensar sobre o tema da criança pastora, no entanto, como já apontado ao longo do texto encontrei crianças que pregam, porém não consegui fazer a pesquisa devido ao medo dos adultos, por não ser evangélica e não ter me convertido. Portanto, os caminhos da observação participante me levaram a observar o contexto das crianças na igreja Adventista, e com isso chegando a ideia de evangelização infantil. Assim, esse novo conceito se tornou o objetivo principal dessa pesquisa desaguando nos processos de socialização.

Nesse trabalho vários conceitos foram tecidos, resistências com conceitos como o de socialização (Nunes, 2002; Durkheim, 1955; Simmel, 1983; James e Prout, 2005), onde o campo me mostrou que é possível ver essa socialização não apenas na forma coercitiva, mas em uma forma de conjunto onde agência e estrutura se cruzam, se modificam com pequenos atos das crianças.

Resistências nos primeiros cultos, onde os pastores e inclusive o pastor mirim tentou me converter. Entre conflitos de conversão, desespero de não encontrar o proposto para se realizar a pesquisa, estudos intensos que na prática pareciam se desvincular, apresentou-me a evangelização infantil, e através dessa evangelização pude ver os conceitos sendo reatualizados como a imitação (Mauss, 2008; Fernandes, 2004; Tarde observado no texto de Ribeiro, 2000), não apenas a imitação do ser pastor, mas a imitação no conjunto da igreja, tanto dos adultos como das crianças.

Observei também a relação dialógica que a socialização se firma, mostrando que é através de pequenos diálogos que a agência infantil é exercida, seja se uma Bíblia vale três reais, ou se a história está mal contada, ou se isso não é mais adequado para a idade deles porque não são mais bebês.

São pequenos atos construídos e identificados pelas crianças, que concordam entre si, e ao mesmo tempo discordam; algumas vezes tem os mesmos pensamentos como colocar a figura do Papa em primeiro lugar sem ao menos conversar entre si. Ou seja, os pensamentos se cruzam, as ideias, os atos entre as crianças da mesma idade se interagem de uma forma dialógica, reproduzem a filosofia da igreja, como quando Jesus voltar vai vir em uma nuvem bem grande completando o pensamento do outro.

São esses pequenos atos que capacitam as crianças, do seu modo, a serem protagonistas de transformações, não transformações extraordinárias dentro da igreja

Adventistas. Mas transformações pequenas, diárias, de como o professor deve se preparar para ministrar a aula, ou como deve contornar uma situação delicada.

Dessa forma, trazer a questão da Sociologia da Infância vinculada à Sociologia da Religião me fez pensar em um conjunto de categorias sociais que podem ser pensadas nessas duas esferas: socialização, agência infantil, imitação, evangelização, pastor-mirim.

O que se desenhou para a construção dessa dissertação foi que muitos caminhos foram mostrados, outros retraídos ou deixados para outro momento. Contudo, o importante de se pensar em uma teoria social vinculada a infância é a ideia de agência infantil (Pires, 2008; Nunes e Carvalho, 2007; Cohn, 2007; Hirschfeld, 2002) como marco de transformação em pequenas instâncias que foram observadas nesses três meses de pesquisa. Fatos que podem ser passados como a “normalidade” dos questionamentos da infância, mas que a igreja Adventista sempre fica observando, qual a criança que fala, que interroga, e, portanto, se essa criança pode ser cortada da igreja, ou colocada a reproduzir o que a doutrina evangélica prega. Interrogando, mas ao mesmo tempo reproduzindo que Jesus vai voltar, mesmo não acreditando muito. Dessa maneira, vinculo essa dissertação ao argumento de Corsaro (2005) de reprodução interpretativa, pois o que foi observado e analisado, assim como afirma Pires: “as crianças são agentes da mudança, mas também da continuidade” (2010, p.152). Elas mudam com os seus porquês, mas dá continuidade a doutrina da igreja.

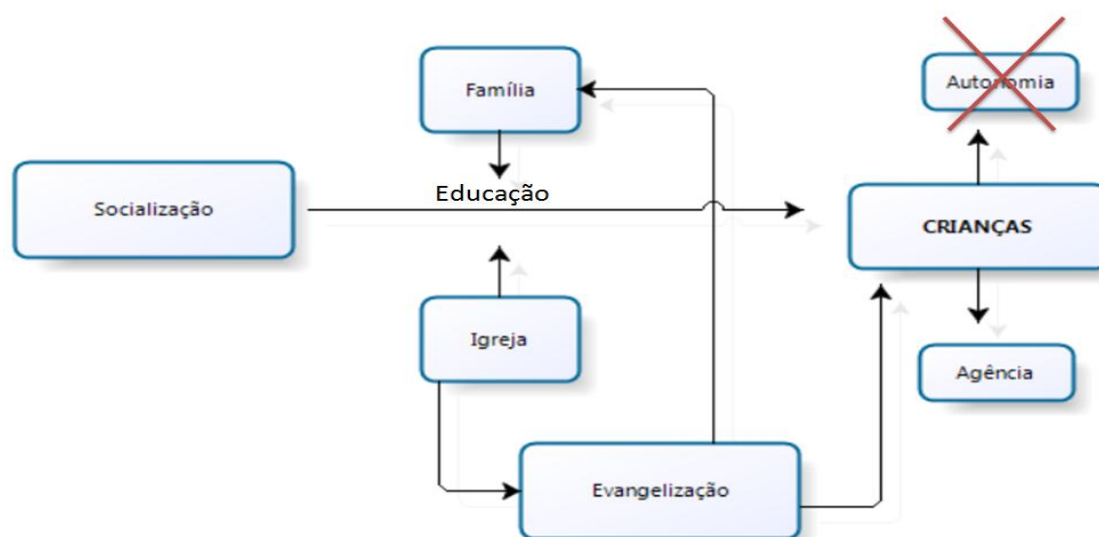
A Sociologia da Infância e a Antropologia da Criança (Ariès, 1981; James e Prout, 2005; Belloni, 2009; Souza, 2005; e Sarmiento, 2008) proporcionaram-me a pensar sobre as questões da criança, senti dificuldade em estudar dissertações, teses ou pesquisas com criança e religião, e percebo que esse campo pode ser desenvolvido com o debate mais amplo sobre pesquisa desse tipo. Ao se divulgar trabalhos sobre esses dois campos juntos, o debate, as análises e as formas de pensar sobre crianças na religião ou religião na criança será melhor estruturado e fortalecido com teorias que concordem ou discordem sobre esses assuntos. A análise do contexto da igreja em si foi uma nova forma de observar a religião somando-se as crianças.

O foco teórico com as crianças dentro da religião me fez observar como a religiosidade Adventista é construída. Nessa pesquisa as crianças aparecem como agentes, não por fazer uma mudança na estrutura, mas são agentes por que interrogam os professores, por isso nessa pesquisa as crianças falam e são ouvidas, embora algumas vezes a opinião delas é cortada pelos professores.

Como pesquisadora pude perceber que depois da entrada do campo na igreja Adventista tive algumas facilidades por ser mulher e mãe, e isso, mesmo com todos os conflitos me proporcionaram a ter uma abertura maior por parte das crianças, que queriam me chamar de “tia”, mas logo se redimiam. Abertura por parte dos professores e dos adultos, e mesmo depois da minha saída do campo os professores me visitaram na minha residência, na tentativa da minha conversão e me entregaram o livro da fundadora da igreja “O grande conflito”. Ou seja, entre dificuldades e conflitos, tentei desenhar um estudo sobre os temas de religião junto ao tema da criança, não sendo a “tia” e conseguindo ter um bom diálogo com as crianças, com os professores e com a própria igreja.

Um dos conceitos que observei e me ajudou a pensar, e trago agora para fechar o pensamento, foi a socialização, que é produzida através da imitação, da representação social. Por isso a questão que trouxe para o texto, de imitação, não se fixa na ideia da criança pastora, mas para todas as crianças e adultos, todas as pessoas imitam algo ou alguém, essa imitação-exemplo forma bases de socialização. Com isso, Belloni explica: “A socialização é um conjunto de processos pelos quais o indivíduo é construído (...) pela sociedade global e local, processos durante os quais o indivíduo adquire (...) modos de pensar, fazer e de ser socialmente situados.” (BELLONI, 2009, p.69).

Pensando nisso, explico como Evangelização se equivale à Socialização. É possível observar na seguinte ilustração:



**Imagem 11- Ilustração: “Socialização = Evangelização”**

Com isso proponho pensar que, a socialização vai de um processo de educação tanto da família como da igreja. Essas duas instituições educam, socializam, entretanto, a igreja evangeliza a família e as crianças, de modo que, averiguo assim, que Evangelização equivale à Socialização, sendo isto, observado na igreja. A equivalência se dá por que no processo que observei da evangelização não só das crianças, mas de todos os membros da igreja, possuem o mesmo percurso da socialização, no intuito de educar. Se a socialização vem por processos de imitação, a evangelização também, que faz com que as pessoas se integrem, tal como a socialização.

As crianças e adultos ao serem evangelizadas, evangelizam em uma determinada doutrina; elas ao mesmo tempo em que estão sendo socializadas, socializam em uma determinada cultura religiosa.

Outro fato que posso demonstrar nessa ilustração é que, as crianças tem agência, como explicado ao longo desse texto, porém acredito que ela não tem autonomia, como enfatizei no capítulo dois. Para pensar autonomia, Sarmento colaborador dessa ideia afirma que: “As crianças como atores sociais, nos seus mundos de vida, e a infância, como categoria social do tipo geracional, socialmente construída. A infância é relativamente independente dos sujeitos empíricos que integram, dado que ocupa uma posição estrutural”. (2008, p.22).

A socialização foi percebida com processos de uma educação que evangeliza por parte dos pais, que são educados na igreja, e passada para os filhos, e por parte da igreja que educa assim a família e as crianças.

Logo, observando as crianças, posso ver a socialização que ocorre entre os pares; ao fazer um questionamento, as crianças estão se socializando, ao interrogar elas passam a se perceber de outra forma, bem como percebem outra forma de observar a igreja.

Pensando que a socialização não ocorre só com as crianças; para Tarde a imitação é reguladora social, e como tal todos imitam. A abstração da imitação genérica trazida por Fernandes, ajudou-me a pensar essa ideia de imitação na socialização, passando também pelo conceito de Mauss sobre imitação, no qual, a imitação vem pelo cotidiano, são nas atividades diárias que todas as pessoas imitam e são imitadas.

Dessa forma, esse trabalho chega ao fim, mas não vai se tornar finalizado, é possível abrir espaço para novas questões. Esse texto não esgota o tema de crianças

unido com o de religião, outros temas são possíveis de serem abordados também com esse início, no entanto, deixarei para trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. 1981 [1962] (2a. edição brasileira). **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora.

BARROS, Manoel de. **A infância em Manoel de Barros**. PUC Rio. Certificação Digitação N°: 0812804/CA.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Sociologia da Infância**. Campina, SP: Autores Associados, 2009. ISBN 978-85-7496-235-1.

### BÍBLIA SAGRADA.

CAMPIGOTTO ,Marie, Élodie RAZY, Charles-Édouard de SUREMAIN, Véronique PACHE HUBER. **LE RELIGIEUX A L'ÉPREUVE DE L'ENFANCE ET DES ENFANTS : QUELS DEFIS POUR L'ANTHROPOLOGIE ?** AnthroChildren, 2012, 2, Campigotto et.al. Publicado em: <http://popups.ulg.ac.be/AnthroChildren/document.php?id=1494>. Acessado em 09 de maio de 2013.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. **Pesquisando o invisível: percursos metodológicos de uma pesquisa sobre sociabilidade infantil e diversidade religiosa**. Teoria sociedade. n° 17. E 1 – janeiro-junho de 2009. p.148-175.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. RJ: Jorge Zahar. Ed. 2005

CORSARO, William A. **The sociology of childhood**. 2° ed. Sociology for a new century. 2005.

COSTA, César Augusto da. **O DEBATE TEOLÓGICO SOBRE A EVANGELIZAÇÃO E A LIBERTAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EVANGELII NUNTIANDI**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 286-321, jul./dez. 2012.

DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. PIRES, Flávia Ferreira. **PASTORES MIRINS: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS CRIANÇAS EVANGÉLICAS**. II Semana de Antropologia da UFPB. Ética Antropológica em Debate: Práticas e Narrativas – João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2012. p. 17 a 20. ISBN: 978-85-237-0581-7

DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. **O QUE IMPORTA É O CONTEÚDO E NÃO A FORMA: UM ESTUDO SOBRE A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR EM JUAZEIRO DO NORTE**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais outorgado pela Universidade Regional do Cariri. Crato, 2012.



DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Neves. –São Paulo: Martins Fontes, 1996. - (Coleção Tópicos)

\_\_\_\_\_, Émile. Educação e *sociologia*, trad. Lourenço Filho, Edições Melhoramentos, São Paulo, 4ª ed., 1955, pp. 25.56.

FALCÃO, Christiane Rocha. **“ELE JÁ NASCEU FEITO”**: O lugar da criança no Candomblé. Dissertação para grau de mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Orientadora: Profa. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos. Recife, 2010.

FASSONI, Klênia, Lissânder Dias, Welinton Pereira [organizadores]. **Uma criança os guiará**: por uma teologia da criança — Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. **Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores-performers da religião**. Etnográfica. Novembro de 2009. 13(2): 441-464.

FERNANDES, Florestan. **As “Trocinhas” do Bom Retiro**. Pro-Posições, v. 15, n. 1(43)- jan-abr, 2004.

FILHO, Evaristo de Moraes (org). **Georg Simmel: Sociologia**. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983.

Filme: **As aventuras de Pi**. Dirigido por Ang Lee. Gênero: Aventura e Drama. Lançamento em 21 de dezembro de 2012, duração de 2 horas e 5 minutos.

FLICK, Uwe. **Métodos Qualitativos na Investigação Científica**. Lisboa: Monitor, 2005

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. **A interpretação das culturas**. 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A Constituição da Sociedade**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17º Ed. - Petrópolis, Vozes, 2009.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Outras crianças, outras infâncias? In: **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HIRSCHFELD, Lawrence A. **Why Don't Anthropologists Like Children?** American Anthropologist. Volume 104, Issue 2, pages 611–627, June 2002.

JAMES, Allison & PROUT, Alan. **Constructing and Reconstructing Childhood**: contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood. Taylor & Francis e-Library, 2005.

JAMES, Allison & JAMES, Adrian L. **Constructing Childhood**: Theory, Policy and Social Practice. Palgrave Macmillan, New York, 2004

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LEWIS, Liana. **É hora de brincar!** Mas em qual língua, se somos todos estrangeiros? Negociando lugares na pesquisa com crianças refugiadas na Inglaterra. ILHA - Florianópolis, v.8, n.1 e n.2, 2006.

**LIÇÕES DA ESCOLA SABATINA**- 2013. Igreja Adventista.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Estudos avançados. vol.18, n°. 52, São Paulo, setembro a dezembro de 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. SP: Loyola, 2010.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: COSACNAIFY, 2008.

MEAD, M. 1932. "An investigation of the thought of primitive children, with special reference to animism". **Journal of the royal anthropological institute**, 62, 173-190.

NERI, Marcelo (org.). **Novo mapa das Religiões**. Rio de Janeiro, FGV, CPS, 2011. Site: [www.fgv.br/cps/religião](http://www.fgv.br/cps/religião).

NUNES, Ângela; CARVALHO, Maria Rosário de. **Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela Antropologia da Criança**. Trabalho Apresentado na 31 Reunião Anual da ANPOCS 22 a 26 de outubro, de 2007 – Caxambu – MG, Brasil.

NUNES, Ângela; Aracy Lopes da Silva; Ana Vera Lopes da Silva Macedo (organizadoras). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. SP: Global, 2002 – (Coleção antropologia e educação).

QVORTRUP, Jens. **Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social"**. Artigo publicado em Eurosocial Report Childhood as a Social Phenomenon: Lessons from an International. Project, n. 47, 1993, p. 11-18.

PIRES, Flávia Ferreira. **Quem tem medo de mal-assombro?** : religião e infância no semiárido nordestino. RJ:E-papers; JP: UFPB, 2011.

\_\_\_\_\_, Flávia Ferreira. **Resenha do texto de MAYBLIN**, Maya. Gender, catholicism and morality in Brazil. Virtuous husbands, powerful wives. Palgrave, New York: Macmillan. 212pp. In: Mana: estudos de antropologia. Museu Nacional,

Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro, 1995. Semestral- ISSN: 0104-9313.

\_\_\_\_\_, Flávia. **Tornando-se adulto**: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião. In: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, 30(1): 143-164, 2010.

\_\_\_\_\_, Flávia. **Roteiro sentimental para o trabalho de campo**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011.

PRANDI, Reginaldo e PIERUCCI, Antônio Flávio. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo; Hucitec, 1996.

REINHARDT, Bruno Mafra Ney; PEREZ, Léa Freitas. *Da Lição de Escritura. Apresentado em Fórum de Pesquisa 36, Antropologia, Trabalho de Campo e Subjetividade: Desafios Contemporâneos, 24ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Olinda (PE), 12 a 15 de junho de 2004.

RIBEIRO, Maria Thereza Rosa. Resenha do texto: Antes Tarde do que nunca. Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais do autor: Eduardo Viana Vargas. Rio de Janeiro, **Revista de Antropologia**. Contra Capa Livraria, 2000.

SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: **Fiéis e cidadãos**. Percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro; EDUERJ, 2001.

SANTOS, Patrícia Oliveira Santana dos. **DEIXA EU FALAR!** Uma análise antropológica do Programa Bolsa Família a partir das crianças beneficiadas do alto sertão paraibano. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais outorgado pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

SARMENTO, Manuel. **Pesquisando crianças e infância**: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças | Cadernos de campo, São Paulo, n. 17, p. 133-151, 2008.

\_\_\_\_\_, Manuel. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_, MANUEL JACINTO. **GERAÇÕES E ALTERIDADE: INTERROGAÇÕES A PARTIR DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

SILVA, ANTONIO LUIZ DA. **PELAS BEIRADAS: Duas décadas do ECA em Catingueira –PB**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como pré-requisito

para obtenção do título de Mestre em Antropologia outorgado pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

SOUSA, Emilene Leite de. INFÂNCIA NO CALEIDOSCÓPIO: desconstruindo conceitos, desestabilizando teorias. **Caderno Pós Ciências Sociais** - São Luís, v. 2, n. 3, jan./jun. 2005.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira – A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

WHITE, William Foote. Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

#### **SITES:**

Igreja Adventista. Site: [pt.wikipedia.org/wiki/Igreja\\_Adventista\\_do\\_S%C3%A9culo\\_19](http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Adventista_do_S%C3%A9culo_19)- **Acessado em fevereiro de 2013.**

**Clube de Aventureiros:**[www.paulistana.org.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=627&Itemid=283](http://www.paulistana.org.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=627&Itemid=283). **Acessado em março de 2013.**

Site Dilma na Rede: [dilmanarede.com.br/ondavermelha/blogs-amigos/criancas-pastoras-e-o-crime-da-moda-em-algumas-igrejas](http://dilmanarede.com.br/ondavermelha/blogs-amigos/criancas-pastoras-e-o-crime-da-moda-em-algumas-igrejas). **Acessado em novembro 2012.**

Site do Natgeo: [www.natgeo.com.br/br/especiais/pregadores-mirins](http://www.natgeo.com.br/br/especiais/pregadores-mirins). **Acesso em novembro de 2012.**

Site Top 10: [top10mais.org/top-10-maiores-denominacoes-evangelicas-do-brasil-censo-2010/](http://top10mais.org/top-10-maiores-denominacoes-evangelicas-do-brasil-censo-2010/). **Acessado em maio de 2013.**

Portal da igreja Adventista: [www.portaladventista.org/portal/asn---portugu/7090-censo-demografico-aponta-crescimento-da-diversidade-religiosa-no-brasil](http://www.portaladventista.org/portal/asn---portugu/7090-censo-demografico-aponta-crescimento-da-diversidade-religiosa-no-brasil). **Acessado em março de 2013.**

Site do IBGE: [www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250750](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250750). **Acessado em abril de 2013.**

#### **FILME:**

**As aventuras de Pi.**

**ANEXOS****ANEXO 1: Entrevista com Marina em 09 de abril de 2013**

**Idade:**

**Quanto tempo na igreja?**

**Como funcionava a igreja aqui na Universidade?**

**Quando ela se deslocou para os bancários?**

**Como é a organização da igreja?**

**Como era a igreja quando você era criança?**

**Como eram as atividades dos Primários?**

**Você acha que era importante ler a Bíblia decorava o versinho?**

**Como você fazia a lição em casa?**

**O que você pensava em fazer na igreja?**

**Quando você criança tinha alguma criança que pregava?**

**Como vai ser a segunda vinda de Jesus?**

**E quem é salvo?**

**E quando você morre fica num estado de inconsciência?**

**Quando você via as crianças pregando não tinha vontade não?**

**Você é vegetariana?**

**O que é bom diferente de outros lugares quando a criança está na igreja?**

**As crianças tem autonomia na igreja, elas são escutadas?**

**Os três principais fundadores da igreja foram?**

**Mas quando você era professora dos primários, como era a tua visão?**

**E os livros dos professores te ajudavam assim?**

**Eles te interrogavam?**

**E a história bíblica?**

**Então eles têm autonomia?**

**ANEXO 2: Entrevista com Daniela, realizada em 27 de abril de 2013.**

**IDADE:**

**SOBRE A IGREJA ADVENTISTA**

**Quanto tempo na igreja e como chegou? A igreja já funcionava aqui?**

**Quantos cultos tem a igreja?**

**Você é vegetariana?**

**Como é o estado de inconsciência dos mortos?**

**SOBRE A ESCOLA SABATINA**

**Como você chegou a ser professora dos Primários?**

**Como você se prepara para a aula da Escola Sabatina?**

